



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

GABRIEL DE SOUZA

**APONTAMENTOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADES INDÍGENAS
MASCULINAS EM ALAGOAS**

MACEIÓ - AL

2021

GABRIEL DE SOUZA

**APONTAMENTOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADES INDÍGENAS
MASCULINAS EM ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim

**MACEIÓ - AL
2021**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S729a Souza, Gabriel de.
Apontamentos sobre homossexualidades indígenas masculinas em Alagoas /
Gabriel de Souza. – 2021.
58 f. : il.

Orientador: Silóé Soares de Amorim.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais, Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 53-56.
Apêndice: f. 57-58.

1. Colonização. 2. Indígenas - Homossexualidade masculina. 3. Identidade
étnica. I. Título.

CDU: 316:613.885(=1-82)

Ao professor Siloé Amorim, por suas orientações e todo o acompanhamento durante a realização desse trabalho. Ser orientado por ele é um privilégio.

Ao querido Hélio, de Palmeira dos Índios, e à querida Marcicleide (Wassu-Cocal), por terem viabilizado contatos para as entrevistas. Para além disso, copiosamente, impulsionaram-me: “E aí, falou com ele?”, “Deu tudo certo?”. Senti-me acompanhado, o que me deu mais confiança de seguir na presente investigação.

Aos entrevistados, que me ajudaram a compreender um pouco de suas visões de mundo a respeito das homossexualidades indígenas masculina, temática essa que é considerada, atualmente, “delicada” e “pesada”, entre muitos indígenas, .

Finalmente, às minhas três mães: à mãe Maria do Socorro (in memoriam), à mãe Maria das Graças, e à tia Cicera.

O sorriso de felicidade da minha mãe Maria do Socorro sempre me vem à lembrança. Na confecção desse trabalho, ele sempre se fez presente. Ele me motiva. O seu “Eita nós!”, que ela sempre falava, vinha-me à mente toda vez que eu concluía uma parte dessa pesquisa.

Destaco o “Boa sorte!” diário da minha mãe Maria das Graças. Ele muda o meu dia, dá-me a confiança de que tudo vai dar certo. E deu!

Através de seus exemplos do dia a dia, de onde ela tira força, a minha tia Cicera sempre me incentiva a superar desafios.

RESUMO

A presente investigação tem como objetivo geral contribuir para a reflexão a respeito de compreensões de indígenas masculinos de Alagoas acerca das “homossexualidades indígenas masculinas”. Os sujeitos indígenas investigados da referida Unidade da Federação pertencem às etnias Tingui Botó (Feira Grande e Campo Grande), Xucuru-Kariri (Palmeira dos Índios) e Jeripancó (Pariconha). Essa seleção de etnias decorre, em partes, de dificuldades para encontrar quem se dispusesse a participar da pesquisa. Os objetivos específicos são os seguintes: apresentar elementos sobre a vivência naturalizada das homossexualidades no Brasil pré-colonial, refletir sobre o papel da Igreja Católica na imposição da heterossexualidade no território brasileiro, analisar a compreensão ocidentalizada acerca do gênero masculino, trazer à tona algumas compreensões sobre as homossexualidades indígenas masculinas em algumas etnias do Brasil e fazer apontamentos sobre compreensões de sujeitos indígenas masculinos das etnias alagoanas selecionadas sobre as homossexualidades indígenas masculinas. Essa investigação se constitui numa pesquisa exploratória, tendo como ponto de partida a revisão bibliográfica sobre a temática, e pesquisa de campo, constituída por entrevistas, realizadas pelas seguintes redes sociais e aplicativos: Instagram, Facebook, Google Meet e WhatsApp. Quanto à forma de abordagem, essa pesquisa se faz qualitativa, mediante a discussão teórica e apresentação de pontos de vista dos interlocutores indígenas, bem como reflexão acerca desses pontos. Em virtude da pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas remotamente, o que possibilitou, inclusive, alcançar indígenas situados em lugares geograficamente distantes, o que não seria viável presencialmente. Quanto às falas dos indígenas das etnias de Alagoas, no geral, pode-se afirmar que, em suas aldeias, existem o preconceito e a discriminação contra homossexuais. Contudo, os entrevistados naturalizaram a homossexualidade, embora também tenha havido falas que sugerem contradição a essa naturalização. No que diz respeito à hipótese de que “Indígenas em Alagoas veem a homossexualidade como perda cultural”, todos os investigados afirmaram que reconhecem a homossexualidade como algo intrínseco ao ser humano. Entretanto, alguns expuseram que, culturalmente, a homossexualidade não é visibilizada na comunidade. No que diz respeito à hipótese de que “Indígenas em Alagoas veem a homossexualidade masculina como transgressão do gênero”, nenhum entrevistado a confirmou. Contudo, houve quem afirmou que homossexuais do sexo masculino são alvos que tendem a passar por violências mais expostas em virtude do seu gênero.

Palavras-chave: Colonização. Homossexualidade indígena masculina. Etnia indígena.

ABSTRACT

The present investigation has as general objective to contribute to the reflection about the understanding of male indigenous people from Alagoas about “male indigenous homosexualities”. The indigenous subjects investigated in the aforementioned Federation Unit belong to the Tingui Botó (Feira Grande and Campo Grande), Xucuru-Kariri (Palmeira dos Índios) and Jeripancó (Pariconha) ethnic groups. This selection of ethnic groups stems, in part, from difficulties in finding anyone willing to participate in the research. The specific objectives are: to present elements about the naturalized experience of homosexualities in pre-colonial Brazil, to reflect on the role of the Catholic Church in imposing heterosexuality in the Brazilian territory, to analyze the Westernized understanding of the male gender, to bring out some understandings about male indigenous homosexualities in some ethnic groups in Brazil and make notes on the understandings of male indigenous subjects from selected Alagoas ethnic groups about male indigenous homosexualities. This investigation is an exploratory research, having as its starting point a literature review on the subject, and field research, consisting of interviews, conducted by the following social networks and applications: Instagram, Facebook, Google Meet and WhatsApp. As for the approach, this research is qualitative, through theoretical discussion and presentation of points of view of indigenous interlocutors, as well as reflection on these points. Due to the Covid-19 pandemic, the interviews were carried out remotely, which even made it possible to reach indigenous peoples located in geographically distant places, which would not be feasible in person. As for the speeches of indigenous peoples from Alagoas, in general, it can be said that, in their villages, there is prejudice and discrimination against homosexuals. However, the interviewees naturalized homosexuality, although there were also statements that suggest a contradiction to this naturalization. Regarding the hypothesis that "Indigenous people in Alagoas see homosexuality as a cultural loss", all those investigated stated that they recognize homosexuality as something intrinsic to human beings. However, some stated that, culturally, homosexuality is not made visible in the community. Regarding the hypothesis that "Indigenous people in Alagoas see male homosexuality as a gender transgression", none of the interviewees confirmed it. However, there were those who stated that male homosexuals are targets who tend to experience more exposed violence due to their gender.

KEY WORDS: Colonization. Indigenous male homosexuality. Indigenous ethnicity.

O leque das culturas humanas é tão vasto, tão variado (e de fácil manipulação) que, sem dificuldades, encontramos argumentos que sustentam toda e qualquer hipótese”. (Claude Lévi-Strauss)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Packyî e Tamandua	31
Figura 2: Packyî e Tamandua (na rede)	31
Figura 3 - Distribuição geográfica das etnias indígenas em Alagoas	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Etnia, idade e nome da aldeia onde mora (Município)	37
Tabela 2: Nível escolar	38
Tabela 3: Religiões praticadas pelos sujeitos investigados	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 AS HOMOSSEXUALIDADES INDÍGENAS E A CHEGADA DO COLONIZADOR	16
2.1 Brasil Colonial: a imposição da heterossexualidade aos indígenas	19
3 O GÊNERO DOMINANTE E COMPREENSÕES SOBRE HOMOSSEXUALIDADES INDÍGENAS MASCULINAS EM ALGUMAS ETNIAS DO BRASIL	25
4 COMPREENSÕES DE SUJEITOS INDÍGENAS DE ALAGOAS SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES INDÍGENAS MASCULINAS	36
5 CONCLUSÃO	50
6 REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	57
Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.) – Página 1/2	57
Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.) – Página 2/2	58

APONTAMENTOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADES INDÍGENAS MASCULINAS EM ALAGOAS

1 INTRODUÇÃO

A presente investigação tem como objetivo geral contribuir para a reflexão a respeito de compreensões de indígenas masculinos de Alagoas acerca das “homossexualidades indígenas masculinas”. Os sujeitos indígenas investigados da referida Unidade da Federação pertencem às etnias Tingui Botó (Feira Grande e Campo Grande), Xucuru-Kariri (Palmeira dos Índios) e Jeripancó (Pariconha). Essa seleção de etnias decorre, em partes, de dificuldades para encontrar quem se dispusesse a participar dessa pesquisa, como será explicado mais à frente.

Conforme Green e Maurer (2017), os "sentimentos de atração de uma pessoa por outras pessoas – do mesmo sexo, do oposto, de ambos ou sem referência ao sexo ou ao gênero” recebem o nome de orientação sexual. Sob essa compreensão, o sentimento de atração de uma pessoa por outra do mesmo sexo é denominado “homossexualidade”. Contudo, a depender da cultura, essa orientação, bem como qualquer outra diferente da imposta como padrão, é possível que também seja compreendida de forma demonizada ou como um aspecto alheio à cultura

No que diz respeito a culturas indígenas, especificamente, compreende-se que a homossexualidade é um tema especialmente complexo e carregado de tabu: há que se considerar que o contato entre indígenas e a sociedade não indígena, iniciado no final do século XV, impactou as culturas dos povos originários, inclusive no que diz respeito a vivências de gênero e de orientação sexual. Nesse contexto, frisa-se que a religiosidade imposta pelo colonizador demoniza os atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Afinal, como o próprio Catecismo da Igreja Católica lembra, em seu parágrafo 2357, “São contrários à lei natural, fecham o acto sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afectiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados”.

No que diz respeito às “homossexualidades” entre o gênero masculino, frisa-se que, em Portugal, antes mesmo da chegada dos colonizadores ao território brasileiro, os homens homossexuais passaram a ser condenados à fogueira, pela Santa Inquisição, basicamente, por duas razões: eram praticantes da chamada ‘sodomia perfeita’ e por seu 'estilo de vida

andrógino e irreverente, quiçá revolucionário' (MOTT, 2011, p. 22). Destaca-se a classificação atribuída à sodomia praticada entre dois homens. Acredita-se que se constituía no tipo mais digno de toda a repulsa e combate. Ou seja, pode-se presumir que a condenação aos sujeitos do sexo masculino presente em Levítico 18:22: "Não te deitarás com um homem; isso é abominação" (BÍBLIA, 2011, p. 162) fundamentava a morte de homossexuais masculinos na fogueira.

Vale lembrar que, conforme Mott (2011), a homossexualidade não era tratada pelo colonizador português apenas como um pecado, mas também como um crime, pois era proibido, por lei, o derramamento de sêmen fora do espaço natural, uma vez que o ato sexual era tratado entre judeus, cristãos e islâmicos como ato destinado apenas à reprodução. Além disso, "o indígena (e de forma mais radical, o indígena homossexual – feminino, luxurioso, nu) era visto como o inverso da ordem natural tomista^{1,2} e europeia, na qual se valorizava o autocontrole e disciplina (cuja epítome era o homem)" (FERNANDES, 2019, p. 81. Grifos do autor). O homem e seus atributos considerados "naturais" eram referenciais na visão do colonizador que aqui desembarcou.

Acredita-se que essas compreensões relativas às homossexualidades entre homens viajaram com o colonizador até o território brasileiro. Dito isso, lembra-se que muitos indígenas, hoje, vivenciam circunstâncias comuns às da sociedade em geral, tais como estudam e trabalham fora da aldeia, estão inseridos num contexto religioso, e etc., o que contribui para que indivíduos, etnias e comunidades indígenas assimilem o pensamento falocêntrico³ da sociedade nacional ocidentalizada.

Dito isso, destaca-se que a curiosidade pelo tema foi iniciado em 2014, a partir de um momento de interação entre mim e um indígena da etnia Tingui-Botó, na Escola Veridiano Soares da Silva (Feira Grande AL), onde eu trabalho desde 2014 até os dias atuais. Esse indígena estava frequentando a escola porque havia sido contratado para ministrar aulas de artesanato a estudantes da escola. Num certo momento, antes de nos dirigirmos às salas de aula, eu estava refletindo comigo mesmo sobre as tantas diversidades humanas presentes no espaço escolar. Subitamente, pensei em conversar com ele para lhe fazer uma pergunta (pedir

¹ Visão pautado na filosofia de São Tomás de Aquino.

² "Quanto ao conteúdo do direito natural, [...] recorda as três inclinações essenciais do homem: a conservação da própria existência, a conservação da espécie e a tendência para a "perfeição humana, intelectual e moral, social e religiosa" (SACHERI, 2014, p. 54 apud RAMOS, 2017, p. 495).

³ "Vivemos uma sociedade falocêntrica, uma sociedade voltada ao masculino [...] voltada ao pensamento masculino, educada desde o berço pela mãe que diz ao menino: "Não chore porque homem não chora". Quando eu digo sociedade falocêntrica, é aquela em que homens, mulheres, héteros e homossexuais, bissexuais, transexuais, hipersexuais consideram, no fundo, e quase sempre, o masculino superior ao feminino." (KARNAL, 2015).

permissão antes) que havia surgido na minha mente, exatamente naquele momento. E assim o fiz.

Ao receber a permissão, indaguei-lhe: “como o seu povo enxerga a homossexualidade?”. Friso que nossa conversa se deu apenas entre nós dois, bem como senti que ele ficou sem jeito, mas prontamente respondeu: “O meu povo não tem preconceito, mas não tem gay na minha aldeia porque homossexualismo é coisa do homem branco”. Achei essas afirmativas interessantes, incitadoras de reflexão, mas já havia percebido que fui invasivo, pois o tema é complexo e suscetível de melindro. Assim, apenas o agradei e me desculpei pela pergunta. Ele disse que não houve problema.

Assim, as afirmativas desse indígena contribuíram para a construção das hipóteses iniciais: “Indígenas em Alagoas veem a homossexualidade como perda cultural” e “Indígenas em Alagoas veem a homossexualidade masculina como transgressão do gênero”. De lá para cá, o interesse tomou forma, constituindo-se no presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, que tem como problema o seguinte questionamento: de que maneira a compreensão ocidentalizada sobre as “homossexualidades” contribui para o entendimento de sujeitos indígenas sobre as “homossexualidades indígenas masculinas” em Alagoas?

Para cumprir com o objetivo geral, exposto no primeiro parágrafo desse texto, o passo a passo é o seguinte: apresentar elementos sobre a vivência naturalizada das homossexualidades no Brasil pré-colonial; refletir sobre o papel da Igreja Católica na imposição da heterossexualidade no território brasileiro; analisar a compreensão ocidentalizada acerca do gênero masculino; trazer à tona algumas compreensões sobre as homossexualidades indígenas masculinas em algumas etnias do Brasil; e fazer apontamentos sobre compreensões de sujeitos indígenas masculinos de etnias alagoanas selecionadas sobre as homossexualidades indígenas masculinas.

Em meio a uma sociedade nacional altamente intolerante às homossexualidades, e, especialmente, às homossexualidades masculinas, esse trabalho se justifica pela possibilidade de ser um instrumento acadêmico a mais para a reflexão a respeito de como a homofobia desembarcou em território nacional, e, antes disso, em territórios indígenas, quando foi imposta a cultura falocêntrica aos moldes do colonizador.

Registra-se que essa investigação se constitui numa pesquisa exploratória, tendo como ponto de partida a revisão bibliográfica sobre a temática, e pesquisa de campo, constituída por entrevistas, realizadas pelas seguintes redes sociais e aplicativos: Instagram, Facebook, Google Meet e WhatsApp. Quanto à forma de abordagem, essa pesquisa se faz qualitativa, mediante a discussão teórica e apresentação de pontos de vista, bem como reflexão acerca

desses pontos. Em virtude da pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas remotamente, o que possibilitou, inclusive, alcançar indígenas situados em lugares geograficamente distantes, o que não seria viável presencialmente. No mês de abril, foram iniciadas as buscas por interlocutores. Iniciei pelo Instagram, digitando nomes de etnias indígenas.

Para se chegar ao entrevistado Nhambiquara, um desconhecido da mesma etnia, que eu encontrei no Instagram, no dia 21 de abril, passou-me o perfil de Facebook do indígena que seria entrevistado. Esse, por sua vez, foi bastante receptivo, e, no primeiro contato que fiz com ele, passou-me seu WhatsApp. A entrevista com esse interlocutor ocorreu entre os meses de abril e maio.

Todas as entrevistas com os indígenas alagoanos ocorreram no mês de maio. Como trabalho em Feira Grande - AL, tive facilidade de encontrar o interlocutor Tingui Botó, uma vez que já nos conhecemos há algum tempo. Antes de eu entrar em contato com os demais interlocutores que fazem parte dessa entrevista, eu havia feito contato com alguns outros indígenas por conta própria, como explicado a seguir.

Despretensiosamente, em dois momentos distintos, ainda no mês de abril, encontrei dois homens que se apresentaram como indígenas, ambos de uma mesma etnia representada⁴ nesse trabalho. Um desses encontros se deu no Grindr, aplicativo adulto destinado ao público gay. O outro ocorreu em sala virtual de bate-papo do UOL. Assim, quando, durante o bate-papo, eles se apresentaram como “índios”, eu falei sobre a pesquisa e lhes perguntei se poderiam participar da mesma; um deles classificou o tema como “pesado”; todavia, inicialmente, os dois disseram que participariam; trocamos contato telefônico; posteriormente, quando entrei em contato para confirmar se participariam, um disse que não queria ser entrevistado; o outro disse que estava ocupado, mas iria participar; entrei em contato por três vezes, e a resposta era a mesma: estava ocupado, mas participaria; desisti de tentar.

Também em momentos distintos, no mês de maio, entrei em contato com dois indígenas Wassu-Cocal, via Instagram. Em ambos os casos, enviei texto me apresentando e explicando sobre a pesquisa, e perguntei se poderiam me ajudar na condição de entrevistados. Em um dos casos, houve apenas a visualização da mensagem. No outro, ele apenas me desejou “boa tarde” e não disse mais nada.

Diante das dificuldades para encontrar indígenas de Alagoas que se dispusessem a participar das entrevistas, contei com a colaboração ímpar de dois colegas: Hélio, de Palmeira

⁴ Por questões éticas, não será exposta essa etnia.

dos Índios, e Marcicleide, professora de História. Solicitei ajuda. Ambos são indígenas, não aldeados, e entraram em contato com outros indígenas, buscando saber se aceitariam participar da presente investigação e me disponibilizaram os contatos dos que aceitaram. Registra-se que um dos contatos viabilizados, da etnia Wassu-Cocal, visualizava as minhas mensagens mas não as respondia. Provavelmente, havia mudado de ideia. Com relação a esse e aos demais que desistiram, observa-se que, além de essa desistência ser um direito, o assunto é, reitera-se, complexo.

Diante do exposto, registra-se que os termos "homossexualidades", "homossexualidades indígenas" e "homossexualidades indígenas masculinas" são de uso prático. São termos guarda-chuvas. O primeiro termo é usado para se referir a pluralidades sexuais e de gênero que não são contempladas pelo padrão heterossexual⁵ e binário de gênero⁶, tais como a homossexualidade, a bissexualidade e a travestilidade. O segundo é usado para se referir a pluralidades sexuais e de gênero que não são contempladas pelo padrão heterossexual e binário de gênero entre indígenas. O terceiro é usado para se referir a pluralidades sexuais e de gênero que não são contempladas pelo padrão heterossexual e binário de gênero entre indígenas do sexo masculino.

Assim, essa pesquisa é apresentada em três capítulos. No primeiro, aborda-se a vivência naturalizada das homossexualidades por diversos povos originários, até a chegada do colonizador. Esse capítulo traz um subcapítulo, cujo qual apresenta elementos de como a heterossexualidade foi tornada compulsória entre os nativos. No segundo capítulo, discorre-se sobre como as homossexualidades são associadas a atributos femininos na cultura Ocidental, e como alguns povos indígenas do Brasil veem/tratam indígenas homossexuais masculinos. No terceiro, é apresentada a pesquisa de campo, a partir da qual indígenas das etnias alagoanas selecionadas expressam algumas compreensões particulares relacionadas às homossexualidades indígenas masculinas.

⁵ Orientação sexual caracterizada pelo sentimento de atração de uma pessoa por outras do sexo oposto (GREEN e MAURER, 2017).

⁶ "Ideia de que o gênero é apenas uma opção entre isso e aquilo, entre macho/homem/masculino e fêmea/mulher/feminino, baseada no sexo atribuído no nascimento" (GREEN e MAURER, 2017).

2 AS HOMOSSEXUALIDADES INDÍGENAS E A CHEGADA DO COLONIZADOR

No Brasil, é comum ouvir dizer “No meu tempo, não havia nada disso”, em referência a homossexuais e a outras pluralidades sexuais e de gênero. Tal pensamento se traduz numa forma de desmerecer o debate sobre a temática. Contudo, se o intuito é afirmar que não existia homossexual, seja qual for o tempo, a cultura e o país, a mencionada frase se desqualifica por si só. Assim, tomando-se como ponto de partida o Brasil pré-colonial, verifica-se que:

Ao contrário do que se costuma conceber em nosso contexto de sociedade [...], no Brasil os seus primeiros habitantes formularam conceitos de sociedade, política, e organização das regras de convivência, dentre tais itens, havia leituras diferentes acerca do sentido das práticas homossexuais em meio social, várias tribos indígenas realizavam práticas não heteronormativas e as consideravam normais (SILVA e BARBOSA, 2015, p. 70).

As homossexualidades eram tratadas com naturalidade entre diversos grupos indígenas no Brasil pré-colonial. De acordo com a literatura apresentada, essa faceta da sexualidade humana não era tratada feito tabu ou algo vergonhoso, como ela é concebida por expressiva parte da sociedade brasileira atual, mas se constituía em elemento de diversas culturas indígenas.

Mott (1994) constrói, com base em estudos históricos e antropológicos, uma lista de etnias da América Latina que demonstram que a vivência pública das homossexualidades era naturalizada. Sobre os povos localizados no Brasil, nessa lista, que apresenta grupos do passado e também do presente, aparecem as seguintes etnias: “Bororó, Tupinambá, Guatós, Banaré, Wai-Wai, Xavante, Trumai, Tubira, Guaicuru, Kaingaiç, Nambiquara, Tenetehara, Yanomani, Mehinaku, Camaiurá, Cubeo, Guaiaquil (MOTT, 1994, p. 06).

A diversidade sexual entre indígenas do período pré-colonial é relatada na literatura por vários jesuítas e viajantes do período da chegada dos primeiros portugueses ao Brasil. Quanto ao povo Tupinambá, por exemplo, verifica-se em Sousa ([s.d] apud TREVISAN, 2018, p. 63), que:

são mui afeiçoados ao pecado nefando, entre os quais não se têm por afronta; e o que serve de macho se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldeias pelo sertão há alguns que têm tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas.

Sob a perspectiva do autor, os Tupinambás eram indivíduos corrompidos pela imoralidade sexual. Praticar a tal “bestialidade”, e de forma tão naturalizada, foi motivo para o português se assustar profundamente. Contudo, conforme fica subentendido no julgamento de Sousa, aquele que penetrou⁷, não perdeu a condição de masculino ou de macho, ao contrário daquele que foi penetrado. Mott (1994, p. 04) lembra que esses indígenas “ocupavam a maior parte da costa brasileira”, bem como registra que, nessa etnia, “os índios gays eram chamados de tibira, e as lésbicas de çacoaimbeguira”. Acredita-se que havia um grande número de membros desse grupo que praticavam as homossexualidades.

Por outro lado, conforme Staden (2008, p. 151), “A maior parte delles têm uma só mulher; outros têm mais. Mas alguns dos seus principaes tem 13 ou 14 mulheres” (sic). Ou seja, cabiam aos chefes tupinambá várias companheiras. Além disso, “Também têm o costume de fazer presentes de suas mulheres, quando aborrecidos delas. Fazem do mesmo modo presentes de uma filha ou irmã” (sic) (STADEN, 2008, p. 151). Esses indígenas se pautavam na submissão sexual das mulheres aos homens, onde, conforme a perspectiva não indígena contemporânea, pode-se dizer que a mulher era tratada como objeto sexual. Nesse ponto, Hans Staden deixa subentendido que há certa correspondência entre as culturas do tupinambá e a do colonizador no quesito poligamia⁸, cada um a seu modo cultural.

Frisa-se que, na visão do colonizador, por mais “pecador” que fosse o Tupinambá, os Tupinaé “são muito mais sujeitos ao pecado nefando” (SOUSA, [s.d.] apud TREVISAN, 2018, p. 64). Trevisan não expõe situações em que Souza concebe esse segundo grupo como mais imoral que o primeiro.

Outro grupo indígena sobre o qual há registro de vivência naturalizada de homossexualidades é o Guaicurú. Conforme Silva (2014), os Guaicuru “foram os primeiros índios a reagir contra dominação europeia em 1661 atacaram a província de Itatim e a missão de Santa Maria de Fé”. Além disso, de acordo com o site Povos Indígenas no Brasil⁹, “A primeira notícia que se tem dos Guaikurú data do século XVI, proveniente de uma expedição européia que adentrou a região chaquenha à procura de metais preciosos no interior do

⁷ O ato de penetrar, ou de ser ativo, “Implica uma espécie de dominação simbólica que é típica da cultura tradicional brasileira de gênero, e pode ser utilizado como sinônimo, em vários contextos diferentes, de verbos como *possuir* ou *vencer* (PARKER, 2002, p. 55).

⁸“Poligamia é natural. A monogamia foi criada para a mulher”. Disponível em: <<https://www.noticiasao minuto.com/lifestyle/1274004/poligamia-e-natural-a-monogamia-foi-criada-para-a-mulher>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

⁹ Kadiwéu. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiw%C3%A9u>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

continente”. Sobre a presença entre esse grupo do que hoje é reconhecido por homossexuais, Rosário (1839, p. 32-33, 49 apud FERNANDES, 2019, p. 32) expõe o seguinte:

(sic) Entre os Guaycurús há homens que affectam todos os modos das mulheres; vestem-se como ellas, ocupam-se em fiar, tecer, fazer panellas & etc. A estes chamam *Cudinas*, nome que dão a todo o animal castrado; e verdadeiramente eles são as meretrizes dessa nação, que faz uso do pecado amaldiçoado por São Paulo, e outros que impedem a propagação humana. [...]. Os Guayacurús chegavam-se aos nossos, e pondo-lhes as mãos nos hombros como por amizade os sacudiam, e conforme a sustância que encontravam, assim ficavam junto a eles aquelles que julgavam necessários para matar. Tantas demonstrações não despertavam nos portuguezes a lembrança das grandes perdas que os bárbaros lhes tinham feito. O interesse de comprar as bagatelas que os gentios traziam lhes entorpeceu o entendimento: se não foi a divina providência, que nelles quis castigar os pecados que foram a causa de subverter-se Sodoma e Gomorra.

O autor demoniza as relações homossexuais, citando, inclusive, as cidades bíblicas que, supostamente, teriam sido destruídas com fogo devido à prática do sexo entre iguais. Diante desse julgamento, frisa-se a associação feita pelo autor entre as atividades consideradas femininas a desejos homossexuais. Nesse caso, possivelmente nem todos os *cudinas* fossem de fato homossexuais, uma vez que tal julgamento, ao que parece, advém da visão do cronista, que não fez interpretação sem julgamento do modo ou dos costumes dessa condição entre os indígenas.

Um outro povo originário, e que entre seus membros havia a prática de homossexualidades de forma naturalizada, é o povo Tupi. A fala abaixo, conforme Fernandes (2019, pp. 33-34), consta na obra de “Varnhagen, em seu célebre *História Geral do Brasil*, cujo primeiro tomo foi publicado em 1854”.

(sic) Os invasores bárbaros [o autor refere-se aos Tupi] traziam consigo bastantes germens da discórdia, que vieram a dar mui sasonados fructos venenosos nas suas novas terras. Apenas uns venciam, vinham outros arrancar-lhes das mãos a palma da victória, e as hostilidades e vicios não tinham fim. Entre os últimos era sobretudo lamentavel a paixão com que se davam ao pecaminoso atentado que o Senhor condemnou em Sodoma, vicio infame que além de ser degradante para o homem, tanto contribuia a que a população se diminuísse cada vez mais, em vez de aumentar-se (VARNHAGEN, 1854, p. 107 apud FERNANDES, pp. 33-34. grifo do autor).

Como se verifica, a prática de homossexualidades era tratada pelo colonizador como “vício”, cujo qual afrontava a única fé possível de existir e de ser respeitada (o Cristianismo). Tal vício era imoral à condição humana. Além disso, o ato sexual, para o cristianismo, era, fundamentalmente, tratado somente como meio de reprodução, o que se coaduna com o dever da procriação inscrito no livro de Gênesis I, versículo 28: ‘Frutificai [...] e multiplicai- vos [...]’ (BÍBLIA, 2011, p. 49).

Assim, percebe-se que, no Brasil pré-colonial, práticas sexuais que não correspondiam ao padrão heteronormativo e monogâmico ocidental, faziam parte do cotidiano de diversos grupos indígenas, até a chegada do colonizador, que impôs seus valores morais pautados na intolerância à essa diversidade sexual.

2.1 - Brasil Colonial: a imposição da heterossexualidade aos indígenas

No século XVI, de acordo com Fernandes (2019, p. 19), o europeu promoveu a ‘*colonização das sexualidades indígenas*’ (grifo do autor), ao desembarcar no território que hoje corresponde ao Brasil. Em meio à citada colonização, o português iniciou o processo de repressão às práticas homossexuais, costume que se fazia presente entre diversas etnias indígenas que aqui existiam, tornando a heterossexualidade compulsória entre os nativos.

A imposição sociocultural à heterossexualidade já se fazia presente pelo mundo à fora na época do chamado “descobrimento”. Tal imposição advém, conforme Borrillo (2010, pp. 42), da “tradição judaico-cristã”, pois:

Para o pensamento pagão, a sexualidade entre pessoas do mesmo sexo era considerada um elemento constitutivo, até mesmo indispensável, da vida do indivíduo (sobretudo masculino). Por sua vez, o cristianismo, ao acentuar a hostilidade da Lei judaica, começou por situar os atos homossexuais – e, em seguida, as pessoas que os cometem – não só fora da Salvação, mas também, e sobretudo, à margem da Natureza (BORRILLO, 2010, pp. 42-43).

O cristianismo difundiu a imposição da heterossexualidade pelo mundo à fora. Impondo a visão de que atos homossexuais não fazem parte da natureza humana, pessoas que não correspondiam a esse suposto padrão “natural” sexual eram desumanizadas, tradição essa que acompanha com muita violência nosso tempo de hoje.

Além disso, conforme Ceccarelli (2008, p. 86), “A partir da idéia de uma sexualidade normal segundo a natureza, todo desvio passa a ser considerado uma depravação [...] ‘contra a natureza’”. Pode-se perceber que os vários aspectos da sexualidade, tais como desejos sexuais pelo mesmo sexo, pelo sexo diferente, ou por ambos, passaram a ser segregados, basicamente, entre normais/naturais ou anormais/antinaturais. Como afirma Fernandes (2019, p. 23).

[...] ações cotidianas, como nomear, vestir, cortar o cabelo, divisão do trabalho etc. dizem respeito necessariamente à imposição de um novo padrão de moral baseado no modelo binário **[de gênero]**¹⁰ e cristão hegemônicos, dentro de uma lógica de exploração e subordinação (grifo nosso).

Não corresponder ao padrão imposto era o mesmo que ser anormal. Para a moral cristã, os atos “anormais/antinaturais” eram o mesmo que pecado. Assim, conforme Barbosa e Medeiros (2018, p. 270), “Foi com essa leitura das práticas homoeróticas que os portugueses chegaram as (sic) terras do novo mundo”. Ao se deparar com as homossexualidades sendo vivenciadas como costumes e códigos próprios entre diversos grupos indígenas, o colonizador compreendeu que não poderia permitir tal pecado contra a “natureza”. Assim, conforme Fernandes (2019, p. 71), caberia aos jesuítas, através da Companhia de Jesus¹¹, expurgar o pecado do território conquistado, pondo ‘ordem no mudo’. Algumas das reações dos jesuítas à liberdade do corpo indígena são expostas por Vainfas (1999, p. 262).

Um dos aspectos que mais chamou a atenção dos jesuítas no século XVI foi, sem dúvida (sic), a relação que mantinha o índio com o próprio corpo: o canibalismo, a luxúria e a nudez. Os dois últimos traços apareceram certamente ligados nas queixas e vitupérios iniciais contra os costumes do que chamavam gentio, havendo mesmo uma tendência a considerar-se a nudez de índios e índias a principal causa de tantos pecados que grassavam na colônia nascente. Nóbrega tudo fez para vesti-los tão logo chegou à Bahia, desde dar-lhes a roupa sobressalente dos padres até obrigá-los a fiar seus próprios vestidos de algodão.

¹⁰ Binário de gênero: a ideia de que o gênero é apenas uma opção entre isso e aquilo, entre macho/homem/masculino e fêmea/mulher/feminino, baseada no sexo atribuído no nascimento. O binário de gênero é considerado limitante e problemático para aqueles que não se encaixam nessa categoria de ‘um ou outro’ (GREEN E MAURER, 2017).

¹¹ “Outras ordens chegaram ao Brasil ao longo dos séculos XVI e XVII – entre as quais os Beneditinos (1580), os Carmelitas (1584), os Mercedários (1639), os Capuchinhos (1642) e os Oratorianos (1659) – causando relativamente pouco (ou nenhum) impacto direto nas ações desenvolvidas junto aos povos indígenas no Brasil” (FERNANDES, 2019, p. 75).

Além do exposto acima, frisa-se que, de acordo com Florêncio (2007, p. 108, apud FERNANDES, 2019, p. 78), “os métodos de catequização agiam mais diretamente em relação aos ‘costumes do corpo: poligamia, antropofagia, nudez’”. A nudez dos indígenas era compreendida como umas das bases para tantos outros pecados no território brasileiro. Dessa forma, “Aos olhos dos colonizadores, a nudez do índio era semelhante à dos animais; afinal, como as bestas, ele não tinha vergonha ou pudor natural. Vesti-lo era afastá-lo do mal e do pecado” (PRIORE, 2014, p. 17). A nudez em si era um pecado. Vestir o indígena seria uma das formas para erradicar os pecados vinculados aos costumes dos corpos e aos desejos sexuais.

De acordo com Trevisan (2018), séculos depois, mais precisamente em 1848, o botânico e antropólogo Carl vom Martius¹² observa que os indígenas do território brasileiro quase tiveram sua condição de humanos questionada pelo colonizador em virtude da prática da homossexualidade. Aos indígenas, portanto, foi imposta uma outra visão de mundo a respeito de seus corpos e sexualidade. Conforme Berpatelli (2017), uma das estratégias usadas pelo colonizador para condicionar os povos indígenas à cultura dominante foi a criação das aldeias, cujas quais surgiram a partir do Plano das Aldeias ou Plano Civilizador, posto em prática pelo padre jesuíta Manuel da Nóbrega¹³, em meados do século XVI. Como lembra Leite (2000, apud BERPATELI, 2017), mediante esses aldeamentos, os povos indígenas ficariam reunidos em um mesmo espaço e poderiam ser catequizados.

A partir do Plano Civilizador, a Coroa Portuguesa e a Igreja buscaram domesticar os corpos e as sexualidades de indígenas, impondo-lhes novas percepções quanto ao que era certo e quanto ao que era errado, conforme a moralidade do colonizador. Destaca-se que a catequização ocorria mediante “a instalação no pátio dos aldeamentos de um pelourinho, no qual as punições exemplares sobre os índios incluíam açoites, enforcamentos e decapitações” (FERNANDES, 2019, p. 78).

Além disso, Lima, Oliveira e Miranda (2019, p. 135), embora não discorram sobre a sexualidade ou orientação sexual¹⁴ dos indígenas, lembram que vários grupos foram extintos

¹² Carl Friedrich Philipp von Martius foi um professor, botânico e antropólogo alemão, que estudou o Brasil, especialmente a região da Amazônia (Carl Friedrich Philipp von Martius. Disponível em: <<https://ims.com.br/titular-colecao/carl-friedrich-philipp-von-martius/>>. Acesso em: 22 mai. 2021.).

¹³ “[...] o superior dos jesuítas na colônia de Portugal nesta parte das Américas esperava efetivar seu plano de conversão dos nativos à fé cristã, uma vez que as primeiras estratégias de os transformar em cristãos não surtiram o efeito que se esperava. Afinal, o primeiro plano de conversão que os padres da Companhia de Jesus empreenderam esbarrou na chamada inconstância que os índios eram acusados” (BERPATELI, 2017, p. 266).

¹⁴ “sentimentos de atração de uma pessoa por outras pessoas – do mesmo sexo, do oposto, de ambos ou sem referência ao sexo ou ao gênero” (GREEN E MAURER, 2017).

ao longo dos séculos, dentre os quais, os caetés, “implacavelmente, perseguidos [ainda] no século XVI”. Assim, percebe-se que os aldeamentos são oriundos de uma política de Estado, em que indígenas tidos como amigáveis ficavam submetidos ao total controle da Coroa e da Igreja. Presume-se que, em meio ao processo de colonização territorial, optar por se fixar nas aldeias se constituía numa forma de sobrevivência.

Conforme Almeida (2009, p. 92), “Ao ingressar nas aldeias, [os indígenas] como aliados dos portugueses, [...] tinham obrigações e direitos específicos, próprios de sua categoria de aldeados”. A partir das aldeias, o colonizador pôde exercer mais controle sobre os indígenas, impondo-lhe a cultura dominante. Dessa forma, não apenas línguas maternas desapareceram, mas tradições, comportamentos e costumes também se perderam no tempo. O respeito às práticas sexuais, enquanto elemento cultural entre os indígenas se perdeu com o passar dos séculos.

Uma das obrigações impostas aos indígenas era a assimilação à fé católica, cuja qual condenava/condena a homossexualidade. Afinal, como lembra o Catecismo da Igreja Católica¹⁵, em seu parágrafo 2357: “São contrários à lei natural, fecham o acto sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afectiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados”. Conforme a doutrina, a heterossexualidade é a única faceta da sexualidade humana digna de existir, sendo as homossexualidades práticas contra a natureza humana.

Assim, enquanto a homofobia¹⁶ se transformava em elemento cultural no território brasileiro, em Portugal ela já imperava há séculos. Mott (2011, p. 22) apresenta uma parte de um sermão de um Auto de Fé de Lisboa em 1645, no qual o religioso deixa bem claro que:

O crime de sodomia é gravíssimo e tão contagiosa, que em breve tempo infecciona não só as casas, lugares, vilas e cidades, mas ainda Reinos inteiros! Sodoma quer dizer traição. Gomorra, rebelião. É tão contagiosa e perigosa a peste da sodomia, que haver nela compaixão delito. Merece fogo e todo rigor, sem compaixão nem misericórdia. (MOTT, 2011, p. 22).

Tamanha a gravidade do “pecado”, tolerá-lo seria uma afronta a Deus. Percebe-se que não bastava não ser homossexual, teria que agir contra homossexuais. No caso de

¹⁵ É um livro recente, mas que reúne as convicções da fé milenar. Conforme o site católico Canção Nova, o Catecismo da Igreja Católica foi promulgado pelo então Papa João Paulo II, no dia 11 de outubro de 1992 (<https://formacao.cancaonova.com/liturgia/catequese-liturgica/o-que-e-o-catecismo-da-igreja-catolica/>).

¹⁶ “[...] hostilidade não só contra os homossexuais, mas igualmente contra o conjunto de indivíduos considerados como não conformes à norma sexual” (BORRILLO, 2010, p. 26).

homossexuais dos sexo masculino, conforme lembram Pretes e Vianna (2007, p. 340), esses tendiam a praticar a chamada “sodomia-perfeita”¹⁷. Ou seja, observava-se também a prática de sodomia entre pessoas de sexos diferentes e entre mulheres. Contudo, conforme Mott (2011, p. 22), a sodomia-perfeita “consistia ‘na penetração do membro viril desonesto no vaso traseiro com derramamento de semente de homem’”. A substância principal do ato (o sêmen) jamais poderia ser jorrado no lugar errado, e muito menos homem jorrar em homem.

Além disso, de acordo com Mott (2011, p. 22), havia duas razões para a Inquisição perseguir os homens homossexuais, uma delas estaria vinculada à condenação bíblica que impede homem de dormir com um igual como se fosse mulher, e a outra seria “o estilo de vida andrógino e irreverente, quiçá revolucionário dos próprios sodomitas, chamados de ‘filhos da dissidência’”. Conforme tais perspectivas, a homossexualidade, e qualquer aparência a ela vinculada, são consideradas ainda mais degradantes no homem. Além disso, para além de pecado, de acordo com Vainfas (1989, p. 151), a sodomia também se constituía em um crime¹⁸ contra o Estado (Coroa Portuguesa). Conforme Trevisan (2018), a sodomia foi considerada um pecado-crime até meados do século XIX.

Na Europa dos séculos XVI, XVII e XVIII, não apenas a Espanha, Portugal, França e Itália católicas, mas também a Inglaterra, Suíça e Holanda protestantes puniam severamente a sodomia. Seus praticantes eram condenados a punições capazes de desafiar as mais sádicas imaginações, variando historicamente desde multas, prisão, confisco de bens, banimento da cidade ou do país, trabalho forçado (nas galés ou não), passando por marca com ferro em brasa, execração e açoite público até a castração, amputação das orelhas, morte na forca, morte na fogueira, empalamento e afogamento. (TREVISAN, 2018, p. 132).

Em diversos países cristãos da Europa, a violência se constituía numa política de Estado contra o pecado-crime da sodomia. Além disso, conforme o mesmo antropólogo “As Ordenações Manuelinas foram o mais antigo Código Penal aplicado ao Brasil, pois vigoravam em Portugal à época do descobrimento. Nelas, a sodomia passou a ser comparada ao crime de

¹⁷ “A sodomia foi dividida em espécies; sodomia-perfeita era tida pelo sexo anal com ejaculação praticado entre dois homens, a sodomia-imperfeita era o sexo anal praticado por um homem com uma mulher, e a sodomia foeminarum era entendida como a relação sexual praticada entre duas mulheres” (PRETES e VIANNA, 2007, p. 340).

¹⁸ “Reunido em Salvador no ano de 1707, o primeiro e único sínodo colonial considerou “tão péssimo e horrendo o crime de sodomia”, tão contrário à ordem da natureza, que era “indigno de ser nomeado”, quanto mais cometido: crime terrível que levava Deus a destruir as infames cidades de Sodoma e Gomorra na remota Antiguidade, e ainda provocaria “terremotos, tempestades, pestes e fomes” se não fosse extirpado da face da Terra. Abominável e torpe, assim se julgava o chamado “vicio nefando”, pecado que parecia “feio ao mesmo Demônio” (VAINFAS, 1989, p 143).

lesa-majestade” (TREVISAN, 2018, p. 161). Quando o português desembarcou no território brasileiro, toda uma legislação que criminalizava as relações homossexuais foi para cá transportada.

Assim, o europeu buscou controlar a sexualidade daqueles que eram considerados selvagens, por meio da catequização imposta pela Igreja e da criminalização imposta pelo Estado. Dessa forma, com o passar do tempo, as homossexualidades passaram a ser concebidas entre vários povos autóctones como imoralidade, não sendo mais toleradas por eles próprios.

3 O GÊNERO DOMINANTE E COMPREENSÕES SOBRE HOMOSSEXUALIDADES INDÍGENAS MASCULINAS EM ALGUMAS ETNIAS DO BRASIL

Diante de todo o processo histórico de silenciamento da diversidade sexual entre as etnias, atualmente, homossexualidades é um tema não muito bem aceito entre comunidades indígenas do Brasil. Essa afirmativa é exemplificada com uma pesquisa realizada por Silva P. (2016) entre os Pataxó¹⁹, do Território Kai-Pequi, no sul da Bahia, cujo título é “Há lugar para a homossexualidade num regime de índio?”. Nessa pesquisa, o autor lembra que:

Era comum durante conversas [...] nas aldeias ou nas cidades, ouvir dizer que fulano era ‘gay’ e fulana ‘sapatão’, ou simplesmente ‘ele fica com homem’, ‘ela fica com mulher’ ou entre risadas dizer é ‘Manãy’ [termo na língua pataxó para designar homossexual]. Contudo, mesmo entre as fofocas e as risadas parecia haver um certo acordo entre o grupo, onde todos sabiam, mas evitavam comentar, sobretudo com os não-indígenas. (SILVA P., 2016, p. 69. grifo nosso).

Ao que parece, a homossexualidade é idealizada por membros Pataxó como algo vergonhoso, visto inclusive com o adjetivo manãy. Além disso, destaca-se que, conforme o próprio autor supracitado, um participante da pesquisa lhe disse que “[...] estas coisas a gente deixa entre nós”. (SILVA P, 2016, p. 70). Acredita-se que essa condição humana seja compreendida como algum tipo de degradação do sujeito, digna de ser escondida.

Além disso, Fernandes (2017a, p. 114), lembra que, entre vários grupos indígenas, percebe-se, “desde os anos 1970 (quando começa a se consolidar o movimento indígena de forma mais organizada no país) um discurso de que a homossexualidade equivaleria à ‘perda da cultura’” (grifo do autor). Sob essa perspectiva, presume-se que indígenas homossexuais tendem a ser vistos em suas comunidades como aqueles que estão abrindo mão de suas culturas, de sua etnicidade. E, para além disso, se a homossexualidade indígena é tratada por vários sujeitos indígenas (de várias etnias) como imoralidade ou ‘perda cultural’ (FERNANDES, 2019, p. 24), acredita-se que podem haver compreensões específicas quando se envolve o gênero da pessoa.

¹⁹ Em contato com os não índios desde o século XVI e muitas vezes obrigados a esconder seus costumes, os Pataxó hoje se esforçam para avivar sua língua *Patxohã* e rituais "dos antigos" como o *Awê*. (Pataxó. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>>. Acesso em: 25 abr. 2021).

Frisa-se que, atualmente, em boa parte das culturas, há uma “supremacia masculina [...] [que] estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas” (MILLET, 1970; SCOTT, 1995 APUD NARVAZ E KOLLER, 2006, p. 50). Os autores não dispõem sobre culturas indígenas, mas fala sobre culturas pautadas no patriarcado²⁰. Sob o contexto desse poder dos homens em sociedade, acredita-se que as homossexualidades não seriam compreendidas como comportamentos, papéis ou atributos masculinos, ou, como “coisas de homem”.

Embora o universo masculino seja prenhe de privilégios, ele também é lotado de deveres (sexuais). Conforme Badinter (1993, p.117 apud SALGUEIRO, 2016, p. 61), “[...] ser homem significa não ser homossexual. Ser homem significa não ser feminino; [...] não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos [...]”. Esse pensamento é ratificados por Borrillo (2010, p. 88), quando ele trata de uma lógica binária socialmente imposta.

O homem é o oposto da mulher, enquanto o heterossexual opõe-se ao homossexual. Em uma sociedade androcêntrica como a nossa, os valores apreciados de forma especial são os masculinos; neste caso, sua ‘traição’ só pode desencadear as mais severas condenações.

O homem é associado à heterossexualidade e à ausência de feminilidade. Compreende-se que o homem é associado a características que expressem domínio, independência, força, e outras que o valham, o que leva a compreender que a mulher e as características consideradas femininas são associadas a adjetivos que exprimem fragilidade, constituindo o androcentrismo nas relações humanas em sociedade. Além disso, o sexo masculino, julgado como superior ao feminino, tende a ser condenado de forma mais contundente, em virtude de sua traição ao gênero.

Sobre essa traição ao sexo, Badinter, 1993 (p.117 apud SALGUEIRO, 2016, p. 61), lembra que um dos deveres do homem é “não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens [...]”. Todavia, havendo esse ato sexual entre o mesmo gênero considerado superior, existe ainda a compreensão de que algum dos envolvidos pode não ter perdido de vez a sua condição de macho/homem, enquanto algum outro faz o papel de fêmea/mulher.

²⁰ “[...] é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos mais velhos. A supremacia masculina ditada por valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu vantagens e prerrogativas” (MILLET, 1970; SCOTT, 1995 APUD NARVAZ E KOLLER, 2006, p. 50)

Neste modelo de vida sexual, a ênfase cultural parece ser colocada não apenas nas práticas sexuais nelas e delas mesmas, mas na relação entre as práticas sexuais e os papéis de gênero – em especial, na distinção entre *atividade* masculina percebida e *passividade* feminina como o cerne da organização da realidade sexual. É em termos dessa distinção simbólica entre atividade e passividade que noções de *macho* e *fêmea*, de *masculinidade* e feminilidade, e similares, foram organizadas no Brasil (PARKER, 2002, p. 55. grifo do autor).

Pelo exposto acima, o homem é associado àquele que deve penetrar (atividade) e jamais ser penetrado (passividade). Compreende-se que a atividade, enquanto característica masculina, é culturalmente associada à força (atributo de macho/homem), enquanto a passividade é associada à feminilidade.

Quanto às homossexualidades entre indígenas masculinos, conforme Trevisan (2018, p. 63), o padre jesuíta Manoel da Nóbrega pode ter sido o primeiro visitante a detectar “esse costume no Brasil quando, em 1549, comentou que muitos colonos tinham índios como mulheres, 'segundo o costume da terra'". O comentário do religioso lembra que as homossexualidades entre homens indígenas era vivenciada de forma naturalizada no Brasil pré-colonial. Mas o padre também expõe, com base em seus preceitos morais, a visão de que homens e mulheres têm papéis rigidamente determinados na relação sexual, ao comparar os indígenas (supostamente) passivos às mulheres da relação. Sob esse ponto de vista, é como se esses indígenas tivessem “perdido” a condição de homens ao praticar sexo com iguais, sobretudo na condição de passivos (fragilidade, ausência de masculinidade)

Assim, foram impostos comportamentos, papéis e jeitos unicamente de homem e comportamentos, papéis e jeitos unicamente de mulher. Além disso, conforme Fernandes (2017b, p. 640), “[...] uma vez que expressões como ‘gay’, ‘bicha’, ‘veado’ e ‘homossexual’ alcançam as aldeias, também lá chega a carga de abjeção e preconceito que o modelo colonial impõe”. O colonizador, ao impor seus valores morais, determinou uma perspectiva binária aos indivíduos no campo do desejo sexual.

No caso do grupo kaiowa²¹, por exemplo, a homossexualidade é vista como “um traço cultural dos brancos” (CARIAGA, 2015, p. 446), sendo que “o homem que faz sexo com outro é conhecido como kuimba’e revikuera – ‘jovem que tem jeito que usa o ânus’”

²¹ O sudoeste sul mato-grossense e o Paraguai oriental, que se confundem, hoje, com territórios [Guarani] Kaiowa e Nandeva, estiveram isentos de processos colonizadores intensos até o começo do século XX e teria sido um “refúgio” para as populações Guaraní aqui em pauta (**Guaraní Kaiowa**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>>. Acesso em: 25 abr. 2021)

(CARIAGA, p. 447). Presume-se que o homossexual kaiowa seja visto como aquele que se desviou de seu papel sexual determinado culturalmente. Além disso, em pesquisa realizada na Reserva Indígena de Dourados – MT, fica explícito que:

Para as formas de conduta e moralidade kaiowa, a condição de um homem adulto, solteiro e sem filhos o torna frágil, devido a sua impossibilidade de produzir relações de parentesco, o que dificulta que se assumam posições de prestígio político. Entre os Kaiowa, produzir pessoas é o principal meio para alcançar e disputar posições de prestígio [...]. (CARIAGA, 2015, p. 443).

O homem kaiowa é associado à força, e, para além disso, essa força perpassa pela necessidade de gerar descendentes, para que possa, inclusive, ser bem visto politicamente na aldeia. Além disso, conforme Pereira ([s.d.], p. 190), “mais do que a mulher ele [homem kaiowa adulto solteiro] está sujeito a receber a pecha de ser portador de comportamentos [...] anti-sociais, [...], inclusive do pior tipo de acusação, que é a de ser feiticeiro”.

Como se vê em Cariaga (2015, p. 443), “o homem adulto, solteiro e sem filhos pode ser potencialmente identificado como feiticeiro ou falso xamã (ñanderu gua’ú), principal agente da desordem e da desarticulação do teko porã (modo correto de ser e viver)”. Logo, presume-se que a homossexualidade tende a não ser aceita entre a comunidade. Conforme Mura (2006, apud MURA, 2010, p. 128), “muitas famílias [...] temiam ser atingidas por doenças — estas sendo consideradas obra de algum feiticeiro”.

A percepção dos sujeitos kaiowa a respeito das homossexualidades é produzida também mediante “igrejas evangélicas e neopentecostais” (CARIAGA, 2015, p. 446) que possuem influência entre indígenas da comunidade. Logo, supõe-se que a união heterossexual e monogâmica seja a única possível de reconhecimento na aldeia, uma vez que as citadas igrejas demonizam as relações poligâmicas e homossexuais. Contudo, Pereira ([s.d.], p. 08) deixa evidente que, aos homens da aldeia, a poligamia é permitida, mas havendo “poucos casos”.

Entre o grupo étnico Mehináku²², habitante do Alto Xingu, conforme Trevisan (2018, p. 206), “a principal referência na aldeia é a ‘casa dos homens’ (wkaukuhe), onde eles vivem juntos, até se casarem – e fica rigorosamente interdita às mulheres”. Contudo, embora essa divisão social entre os gêneros seja rígida, “a tribo dos Mehináku encarava os papéis sexuais como uma construção do grupo, sendo eles, portanto, mutáveis” (TREVISAN, 2018, p. 206).

²² Até onde se tem conhecimento, os Mehinako sempre viveram na bacia do Xingu, na região dos rios Tuatuari e Kurisevo. A primeira aldeia de que se tem registro é Yulutakitsi, que deve ter sido habitada há 150 anos ou mais em localidade incerta. (**Mehinako**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mehinako>>. Acesso em: 25 abr. 2021)

Logo, presume-se que, enquanto categoria naturalizada, a homossexualidade entre esse grupo, seja feminina ou masculina, não batia de frente com sua conduta moral. Contudo, conforme Mehinako (2016, p. 40), em seu Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Línguas, Artes e Literatura, intitulado de “Empréstimos linguísticos na língua Mehinaku”, hoje, é utilizado o termo “*yuta*” (“veado sem chifre” na língua mehináku), entre os membros dessa etnia, “para se referir aos homossexuais”. Conjectura-se, portanto, que o preconceito às homossexualidades, especialmente às homossexualidades masculinas, adentrou o espaço social desse povo indígena.

Sobre os Cadiuéus²³ (descendentes dos Guaikurú), que habitam o atual estado de Mato Grosso do Sul, Trevisan (2018, p. 213) lembra que Darcy Ribeiro notou que eles chamavam de kudinas os “homens que se comportavam como mulher”, e que essas pessoas eram “absolutamente integradas ao grupo social, que os reconhecia como grandes artistas” (TREVISAN, 2018, p. 213). Ou seja, o “comportamento feminino” entre os kudinas não era motivo de intolerância entre esse grupo étnico. Silva J. (2014, p. 5) defende que os kudinas poderiam não ser homossexuais, “haja vista, que aqueles que assim os classificaram partiram de uma compreensão, concepção e uma visão de mundo [...] do ‘branco’ eurocêntrico, trazendo assim, uma construção social de outra realidade”. Sob essa compreensão, lembra-se que masculinidade e feminilidade do sujeito não determinam o seu desejo sexual. Ele pode realizar atividades culturalmente consideradas femininas, mas não sentir desejo sexual por homens.

Assim, é possível também que houvesse tanto heterossexuais quanto homossexuais entre os kudinas. Além disso, após mencionar que os kudinas se comportavam feito mulher, Darcy Ribeiro observou “que em geral ‘os índios se mostram muito livres em suas manifestações de afeto’” (TREVISAN, 2018, p. 213). Todavia, em oposição a esse afeto naturalizado entre os homens Cadiuéus, Fernandes (2015), reproduz reportagem do site 24 Horas News (MT), de março de 2009, cuja manchete é “Revelado drama de índios gays do Mato Grosso” (2015, p. 335), que mostra que, atualmente, “Os homossexuais assumidos [entre esses, os Cadiuéus] são até apedrejados por serem homossexuais [inclusive por outros indígenas da comunidade]” (FERNANDES, 2015, p. 335. grifos nossos).

Assim, é notório que a percepção a respeito das homossexualidades, especialmente de homossexualidades entre homens, entre sujeitos dessa etnia, foi alterada com o passar do

²³ A primeira notícia que se tem dos Guaikurú [dos quais descendem os Kadiwéu] data do século XVI, proveniente de uma expedição européia que adentrou a região chaquenha à procura de metais preciosos no interior do continente (**Kadiwéu**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiw%C3%A9u>>. Acesso em: 25 abr. 2021).

tempo. A intolerância homofóbica ganhou espaço entre os Cadiuéus, atingindo de maneira especial os indígenas masculinos que ousam bater de frente com os padrões de sexualidade culturalmente assimilados.

Um outro grupo que apresenta intolerância homofóbica, especialmente a indígenas masculinos, é o Aikewara²⁴. Conforme Calheiros (2014, p. 151), entre os membros desse grupo étnico, há os chamados ‘companheiros’ (irutehé’hyga)’, que seriam aqueles que cresciam juntos e que andavam juntos.

inclusive, era comum que dois companheiros dormissem juntos na rede durante as caçadas para se manterem aquecidos. [Contudo] “Hoje em dia dizem que isto é coisa de kusó’angaw (mulher-substituta, simulacro-de-mulher), a palavra local para homossexual” (CALHEIROS, 2014, p. 151).

Um costume que se fazia presente no grupo, passou a ser alvo de depreciação em seu meio social. Considerando-se que a orientação sexual se caracteriza por “sentimentos de atração de uma pessoa por outras pessoas – do mesmo sexo, do oposto, de ambos ou sem referência ao sexo ou ao gênero” (GREEN E MAURER, 2017), frisa-se que um ato de afeto entre pessoas do mesmo sexo, como, por exemplo, um beijo, um andar de mãos dadas, ou dormir juntos, não determina a orientação sexual do sujeito.

A seguir, constam imagens retiradas do documentário “Piripikura”, de 2017, que mostra uma das expedições realizadas por Jair Candor, servidor da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, que acompanha, desde 1989, os dois últimos indígenas homens da etnia Piripikura. No documentário, é mostrado que essas expedições ocorrem periodicamente, sendo que várias vezes Candor conta com a companhia de Rita, a outra única sobrevivente do grupo (que não vive com seu irmão e sobrinho), para encontrar vestígios que comprovem que os dois estão vivos, para o Estado protegê-los de invasores. O território Piripikura se localiza no estado de Mato Grosso, no Centro-Oeste do Brasil. Nas imagens, Packyî (o tio) e Tamandua (o sobrinho), já encontrados por Jair Candor e seus colegas, esperam a chegada de outros profissionais da FUNAI, para terem a saúde física averiguada, para que possam retornar à floresta.

²⁴ Os Aikewara atingiram a sua localização atual [Pará] no início do século XX, [...]. Entraram em contato definitivo com os brancos em 1960, quando uma epidemia de gripe matou dois terços da população, reduzindo-a de 126 para 40 pessoas. Em 1962, uma epidemia de varíola matou mais seis pessoas. A partir de então, os Aikewara, deixando de lado as suas medidas de controle de natalidade, iniciaram uma vertiginosa recuperação populacional. Em 1997, a população atingiu a cifra de 185 pessoas. (Aikewara. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Aikewara>>. Acesso em: 27 abr. 2021).

Figura 1 - Packyî e Tamandua



Fonte: Captura de tela (cena do documentário Piripikura, 2017)

Na imagem acima (54min.08seg.), eles estão fisicamente muito próximos um do outro (cena que se repete várias vezes ao longo do documentário).

Figura 2 - Packyî e Tamandua (na rede)



Fonte: Captura de tela (cena do documentário Piripikura, 2017)

Na imagem acima (59min.56seg.), eles estão deitados e abraçados na rede, à noite, à espera de funcionários da FUNAI, que, em conversa telefônica com Candor, marcaram a visita para o dia seguinte. Sobre as demonstrações de afeto registradas nas imagens, lembra-se que:

Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo

especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são claramente codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação (LOURO, 2000, p. 18).

Conforme a cultura Ocidental, os últimos homens Piripikura seriam facilmente concebidos como homossexuais. Contudo, frisa-se que não foi encontrada qualquer menção à imaginável homossexualidade deles na literatura investigada. Todavia, destaca-se que esses dois últimos homens da citada etnia exprimem algumas “expressões de gênero²⁵” não congruentes com a imposta pela sociedade dominante para o gênero masculino. Observa-se também, entretanto, que esses dois homens passaram décadas sozinhos, então, a afetividade pode ser um aspecto de resistência ou de práticas tradicionais masculinas, sem compreender o ato sexual como mórbido ou pecaminoso.

Mudando de etnia, o antropólogo belga Claude Lévi-Strauss, na obra intitulada *Tristes Tópicos*, menciona relações homossexuais entre homens do povo Nhambiquara²⁶. No capítulo XXIX, dedicado a essa etnia, Lévi-Strauss (1957, p. 334) menciona que “Os Nhambiquara resolvem também o **problema** de outra maneira: pelas relações homossexuais a que chamam poeticamente: *tamindige kihandige*, isto é, o ‘amor-mentira’” (grifo nosso). O problema ao qual se refere seria o déficit de moças na comunidade para casamentos, uma vez que o chefe do grupo poderia ter mais de uma esposa. Mas o autor também nota que o chefe não pode “reivindicar para si mesmo mulheres demais” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 326). Supõe-se que o chefe não pode exigir mulheres de forma a deixar outros homens sem mulheres.

Assim, é provável que o autor tenha julgado as relações homossexuais como mera forma de resolver um suposto problema com base em seus valores morais. Afinal, “As relações homossexuais somente são permitidas entre adolescentes que sejam primos cruzados, isto é, dos quais um está normalmente destinado a casar-se com a irmã do outro” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 334). Percebe-se que as relações homossexuais seriam, segundo o autor, uma forma de substituir temporariamente a futura companheira, ou seja, ao que parece, não

²⁵ As pessoas exprimem o gênero por meio de vestuário, comportamentos, linguagem e outras sinalizações. Esses atributos podem ser considerados masculinos ou femininos, conforme a cultura (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2017, p. 48).

²⁶ Os primeiros registros da região ocupada pelos Nambiquara [atualmente situados entre os atuais estados de Rondônia e Mato Grosso] datam de 1770, quando é organizada uma expedição para construir uma estrada ligando o Forte Bragança à Vila Bela e também para procurar ouro nesta região. Os documentos relativos a esta expedição mencionam a presença de índios, entre os quais figuram os “Cabixi”, localizados entre o alto curso do rio Cabixi, o rio Iquê e o baixo curso do Juruena. É provável que se tratasse dos Sabanê, grupo que habitava o extremo norte do território Nambiquara. (Nambikwara. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara>>. Acesso em: 25 abr. 2021).

faltavam mulheres para casamentos heterossexuais. Além disso, “Na idade adulta, os cunhados continuam a manifestar uma grande liberdade. Não é raro ver dois outros homens, casados e pais de família, passear de tarde, ternamente enlaçados” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 334). Pelo olhar etnocêntrico do autor, sabe-se que não havia tabu para a troca de carinho entre homens, cujos quais a comunidade sabia que tinham sido companheiros sexuais no passado. Imagina-se que talvez houvesse um código de conduta moral para a vivência da bissexualidade na vida adulta.

Não foram encontrados trabalhos que de alguma forma contemplassem a visão atual desse grupo sobre as homossexualidades indígenas, especialmente entre homens. Assim, foi feito contato com um interlocutor Nhambiquara²⁷, residente na aldeia Vale do Buriti, no estado de Mato Grosso, que respondeu o seguinte:

[...] a homossexualidade era normal entre as tribos mais devido o interferimento das religiões dos brancos, isso si tornou uma proibição em algumas etnias [...] Ter alguns homossexuais na aldeia, **em algumas situações** o cacique não aceitam de jeito nenhum a homossexualidade do parente e a obriga a sair da aldeia para morar na Cidade, mais respondendo a sua pergunta na visão da Etnia do meu povo A homossexualidade é tratada de uma forma natural até porque ninguém escolhe ser homossexual. (sic) (grifo nosso).

²⁷ A partir daqui, registro falas de interlocutores indígenas. Assim, para saber o que pensam atualmente sujeitos Nhambiquara a respeito das homossexualidades indígenas masculinas, no dia 21 de abril, busquei alguns contatos na rede social Instagram, digitando o termo “Nhambiquara”. Encontrei alguns poucos perfis. Chamei um desses para conversa, explicando o que me levou a encontrá-lo. Na mensagem de texto enviada, informo que estou fazendo uma pesquisa de TCC na qual busco investigar alguém de sua etnia, e que “Antes de falar sobre etnias alagoanas, busco fazer um curto levantamento na literatura especializada de etnias com registros de homossexualidades masculinas”. Pergunto-lhe se ele poderia participar da pesquisa. Minutos depois, ele retornou; disse que precisava saber as “intenções” do trabalho, pois “lutamos muito para trazer outro olhar sobre o Indígena já que foram mais de 500 anos de deturpação sobre nós”. Disse-lhe que falei, em 2014, com um indígena de Alagoas, que havia dito que homossexualidade “é coisa de homem branco”, e que isso suscitou o interesse em investigar o porquê desse entendimento. Ele disse que achou “estranho” apenas eu querer discutir mais de uma etnia, mas que o trabalho parece “bacana”. Em seguida, falou que não poderia me ajudar, pois ele acabou “convivendo mais com os Guaranis [...]”. Informou situações muito particulares que o levaram a São Paulo, e acrescentou: “[...] sempre afirmo meu orgulho Nhambiquara mas sou mais guarani culturalmente falando”. Assim, passou três contatos, que poderiam ser encontrados no Facebook, e se dispôs a mandar outros, caso esses não dessem certo. No dia seguinte, entre os três contatos, procurei dois. Optei por não contatar a mulher, já que o foco é homossexualidades indígenas masculinas. No dia seguinte, um dos perfis respondeu à mensagem. Assim como no caso anterior, esse indígena foi muito receptivo. Pareceu que ele havia sido informado que seria procurado, uma vez que não demonstrou qualquer reserva. Logo no começo da interação, pediu-me o número de telefone/WhatsApp, afirmando acessar pouco aquela rede social. No transcórre da conversa, já pelo WhatsApp, informei que, em *Tristes Trópicos* (1957), achei interessante a visão de Lévi-Strauss sobre a homossexualidade indígena masculina entre a etnia, mas gostaria de saber a visão atual diretamente de alguns indígenas desse grupo étnico a respeito do tema. Dessa forma, as falas registradas como de “Nhambiquara” foram proferidas por esse último indígena. Até o momento (final de maio), o outro indígena contactado não retornou à minha mensagem.

O interlocutor expõe o preconceito construído historicamente entre as etnias diversas indígenas. Quanto a essa questão, o que foi proferido acima vai, conforme Fernandes (2017a, p. 112), “ao encontro de um conjunto consolidado de narrativas a partir das quais se pode inferir, com alguma segurança, que, via de regra, esses sujeitos não sofriam preconceitos e sanções em suas aldeias até o contato interétnico”. Como se nota, não foram exemplificadas situações em que não aceitam homossexuais do “parente” nas aldeias.

Considerado a sua resposta, supus que havia homossexuais em sua aldeia, e lhe perguntei se, na sua comunidade, homossexuais não estão impedidos de frequentar rituais tipicamente masculinos e se não são expulsos da aldeia. A resposta enviada por áudio foi a seguinte:

Não, eles não são expulsos e é tanto que hoje, nos dias atuais, temos alguns homossexuais na tribo, mas são tratados normalmente, né, mas eles têm que respeitar algumas regras, que é não ter relações sexuais com homens casados, e ... porque isso pode afetar em algumas situações, envolvendo a diminuição da população (NHAMBIQUARA).

Conforme a resposta acima, entende-se que a necessidade de procriação, portanto, é um dos fatores motivadores de regras para homossexuais na comunidade. Diante das informações apresentadas, foi perguntado: “Considerando-se a regra de não se envolver com homens casados, há casais formados por dois homens na aldeia?” A resposta: “Não tem ainda, mais futuramente, provavelmente sim” (sic).

Insisti em saber se indígenas homossexuais masculinos podem participar de rituais tipicamente masculinos na aldeia, e se ele poderia citar algum desses rituais. A resposta foi a seguinte: “hoje em dia vivemos em harmonia com os homossexuais, e o ritual Masculino que é mais conhecido é A dança Da flauta onde todos os homens participam menos as mulheres, o canto nasal neh onde os índios cantam com o nariz” (sic). Como se nota, a orientação sexual do homem na aldeia não é impeditivo para que ele possa participar de rituais masculinos. Destaca-se que a citada “harmonia” pode ser compreendida como a aceitação do estado atual da realidade presente.

Para finalizar a entrevista, foi perguntado: “Existem brincadeiras ou piadas feitas a homossexuais masculinos em virtude de suas homossexualidades?” Foi respondido o seguinte: “sim infelizmente, sim por mais que a maioria da comunidade da aldeia aceitam isso, tem algumas que não” (sic). Então, para além de fazer brincadeiras, alguns ainda não aceitam as homossexualidades. Sob esse contexto, o natural ou o normal, para vários

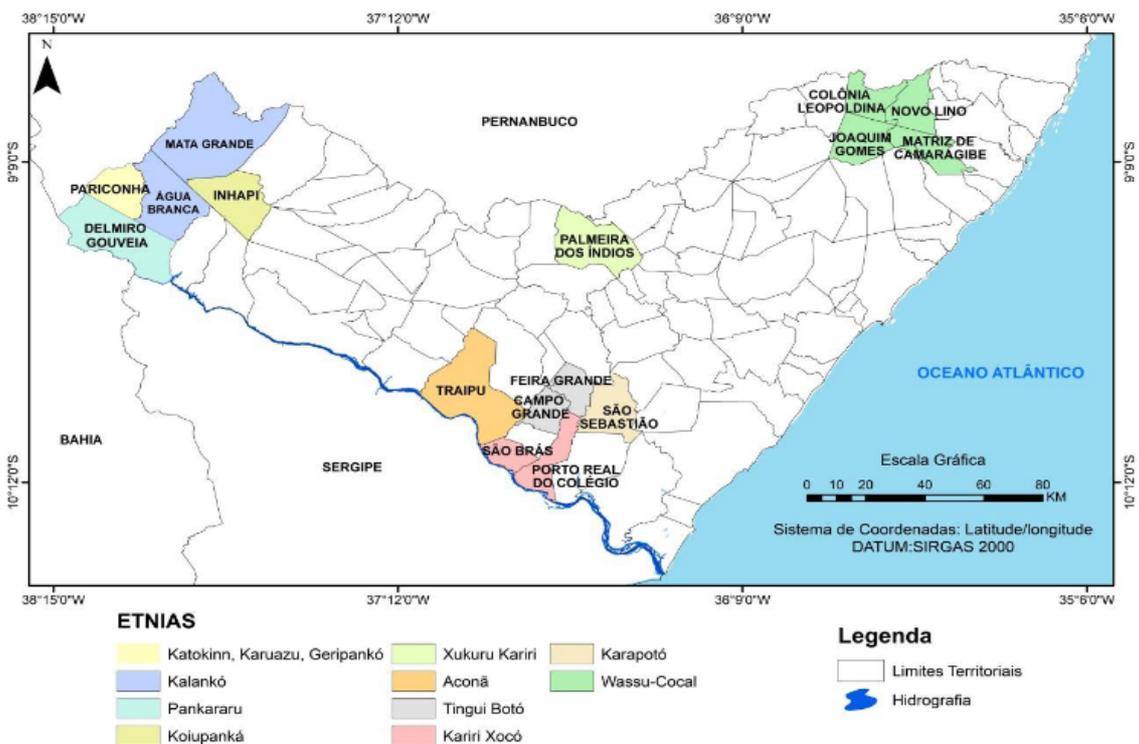
indígenas dessa etnia, nos dias de hoje, seria, ao que tudo indica, apenas a heterossexualidade, seja no homem ou na mulher.

Assim, entre os grupos Pataxó, Kaiowa, Mehináku, Cadiuéus, Aikewara e Nhambiquara, verificou-se que há, atualmente, compreensões que motivam tratamentos discriminatórios ou preconceituosos à homossexualidade entre as próprias comunidades, especialmente contra indígenas do sexo masculino. Porém, no caso da etnia Nhambiquara, o interlocutor se mostrou conhecedor de que as homossexualidades se constituem condições da natureza do ser humano. No caso dos dois sobreviventes Piripikura, notam-se expressões de gênero, que, para outras culturas indígenas, ao menos atualmente, ou para a cultura dominante, são vinculadas ao que se entende por homossexualidade. Contudo, reitera-se que suas manifestações de afeto não determinam que sejam homossexuais.

4 – COMPREENSÕES DE SUJEITOS INDÍGENAS DE ALAGOAS SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES INDÍGENAS MASCULINAS

A distribuição geográfica de todas as comunidades étnicas do estado de Alagoas é mostrada abaixo, na Figura 3.

Figura 3 - Distribuição geográfica das etnias indígenas em Alagoas



Fonte: LIMA, OLIVEIRA e MIRANDA (2018).

Nota-se que há doze (12) comunidades indígenas em Alagoas, distribuídas em dezesseis (16) municípios. Para essa investigação, os sujeitos entrevistados pertencem às seguintes etnias: Tingui-Botó, Xucuru-Kariri e Jeripancó. A investigação se deu mediante entrevistas virtuais, ocorridas em momentos distintos, individualmente. Todos os interlocutores são homens. Participaram da investigação três indígenas.

Os questionamentos não foram lançados necessariamente na ordem em que aparecem ao longo do trabalho. Houve perguntas pré-elaboradas e também algumas que surgiram a partir de respostas cedidas. Buscou-se saber de início “Qual sua idade?”, “A qual etnia você pertence?” e “Qual o nome da aldeia onde você mora?”. A partir das respostas, foi construída a seguinte tabela.

Tabela 1 - Etnia, idade e nome da aldeia onde mora (Município)

	Etnia do interlocutor	Idade	Nome da aldeia onde mora (Município)
1	Tingui-Botó	30	Tingui-Botó (Feira Grande)
2	Xucuru-Kariri	29	Mata da Cafurna (Palmeira dos Índios)
3	Jeripankó	41	Aldeia Ouricuri (Pariconha)

As etnias estão enumeradas de acordo com a ordem em que ocorreram as entrevistas. Procurou-se investigar sujeitos maiores de 18 anos, especialmente por estar se discutindo um tema considerado tabu. Um outro critério previamente adotado foi a condição de aldeados, uma vez que esses cumprem regras específicas na organização social de suas comunidades.

Antes da entrevista propriamente dita, algumas exposições feitas pelos três interlocutores, a saber: o indígena Tingui Botó classificara o tema como “Interessante”, destacando que é “Um tema bem delicado”; o indígena Xucuru Kariri não fez nenhuma classificação quanto ao tema, apenas comentou a respeito de sua etnicidade, expondo que: “Sou nascido em Xucuru-Kariri, mas tenho também a parte de Kariri-Xocó²⁸, que é de meu pai”; o interlocutor Jeripankó classificou a pesquisa como “inovadora” e de tema “complexo”.

Enquanto aldeados, suas respostas podem dar sinais de como as homossexualidades, especialmente as masculinas, são percebidas ou tratadas pelo seu grupo étnico. Todavia, frisa-se que o foco dessa pesquisa são as compreensões dos sujeitos investigados. Dito isso, destaca-se que o interlocutor Tingui Botó evidenciou que “Cada um tem sua forma de organização. Na nossa comunidade, não tem essa questão da pessoa se mostrar [homossexual]”. Contudo, ele disse acreditar que as homossexualidades são próprias da natureza humana, mas acrescentou: “Até o momento, não temos casos de homossexuais. Somos umas 350 pessoas. Mas não é o caso. O que é pregado aqui é para respeitar as pessoas”.

Diante dessas observações, iniciou-se a entrevista propriamente dita a partir da busca por saber a escolaridade dos sujeitos investigados, uma vez que, conforme matéria do site da Revista Exame²⁹,

²⁸ Etnia localizada no município de Porto Real do Colégio – AL.

²⁹ **Pesquisa mostra que escolaridade influencia preconceito contra homossexuais.** Disponível em: <<https://exame.com/brasil/pesquisa-mostra-que-escolaridade-influencia-preconceito-contra-homossexuais/>>. Acesso em: 22 mai. 2021.

A escolaridade é um dos fatores que mais influenciam o nível de preconceito da população em relação a homossexuais: quanto mais anos de estudo, maior é a aceitação do indivíduo em relação à diversidade sexual. É o que aponta pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo e coordenada pelo professor da Universidade de São Paulo (USP) Gustavo Venturi. O estudo, com 2 mil entrevistados em 150 municípios, foi feito em 2009 [...].

O nível escolar do sujeito não determina que ele seja respeitoso às diferenças sexuais em seu cotidiano, mas se constitui em um fator de influência, tendente a uma compreensão mais voltada à aceitação. Assim, a escolaridade dos entrevistados virou objeto dessa investigação.

Tabela 2 - Nível escolar

	Nível de escolaridade/observação
Tingui-Botó	Superior incompleto
Xucuru-Kariri	Superior incompleto
Jeripancó	Superior completo/Mestrando

Como se nota, todos chegaram à escolaridade de nível superior. Abaixo, algumas observações que os três indígenas fizeram, que abordam o nível de compreensão de cada um acerca da temática de gênero e sexualidade.

O interlocutor Tingui-Botó disse: “Em boa parte da minha faculdade eu nunca havia lido sobre identidade de gênero. Ouvi muito tempo depois, quando fiz umas pesquisas”. Além disso, enfatizou: “Pra mim, não existe **ideologia de gênero**^{30, 31}. Eu procuro na minha mente esse termo e acho que tem **identidade de gênero**³²” (grifos nossos).

O indígena Xucuru-Kariri mencionou que atua em discussões voltadas à “Saúde, educação e território”, referindo-se a palestras que ele ministra ou costuma participar, mas que, “Quando surge a oportunidade, a gente tenta contribuir com o tema”, referindo-se a gênero e à sexualidade.

O interlocutor Jeripancó adiantou: “Não é um assunto que [eu] domine bem”. Contudo, disse acreditar que “Ser gay não é escolha”.

Além da escolaridade, sabe-se que a religião influencia comportamentos e pensamentos do sujeito em sociedade, sobretudo quando se trata de assuntos considerados

³⁰ **Gênero não é ideologia: explicando os Estudos de Gênero**. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/explicando-estudos-de-genero/>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

³¹ Mais à frente, na página 38, o interlocutor explica como ele compreende a “identidade de gênero”.

³² “o senso interno e profundo de uma pessoa sobre quem é como ser de gênero; o gênero com o qual se identifica” (GREEN, Eli R.; MAURER, Luca, 2017).

tabus. Conforme Boniface e Védrine (2009, p. 65), as religiões “estão intimamente ligadas os fenômenos de identidade, cultura e civilização”. Assim, foi perguntado aos investigados se eles praticam ou não alguma religião.

Tabela 3 - Religiões praticadas pelos sujeitos investigados

	Religião (ões) praticada (s)
Tingui-Botó	Ouricuri
Xucuru-Kariri	Católica / Ouricuri
Jeripancó	Ejuká

Como se percebe, há quem transite entre religiosidades nativa e não indígena, assim como quem pratica apenas religião nativa. Após informar sua religião, o indígena Tingui Botó justificou o porquê de não ser cristão, especialmente católico.

Eu, particularmente, não gosto da igreja católica. Detesto instituição. A religião semeia muito a vontade de Cristo, que é esse ser comum a muitas religiões. A gente tem muito isso de não matar, não roubar, não desejar mal. Isso é a nossa religião. Então, de repente, estávamos falando do mesmo Deus, mas só que as pessoas que impunham a cruz também impunham a espada, né? Havia homens das cruzadas matado em nome de Deus. Como é que se mata em nome de Deus? Meu Deus não trabalha dessa forma. Essa **identidade de gênero** também é através disso. Esse padrão que a igreja católica e a igreja evangélica adota sobre o ser humano, isso não é nosso. Isso é cristão. Eles que dizem se um homem se relacionar com outro tá perdido, sua alma tá perdida, ou se uma mulher se relacionar com uma mulher, ou se um homem quiser se mostrar como um homem, que a questão da identidade de gênero é essa: de que forma o indivíduo quer se mostrar? Se de repente o indivíduo é másculo, ele é homem, ele se identifica como homem, mas na realidade ele não se sente bem, né? Identidade de gênero não se trata de sexo, né? Então assim, esses padrões não é nosso, esses padrões são ocidentais. A fé cristã que traz, a fé evangélica que traz, porque, até então, os caciques podiam ter mais de um casamento, né? Tinham relatos de indígenas homens com homens, mulheres com mulheres também. Então, eu vivo ou deixo de viver. Eu não vou apontar: você vive da forma que eu quero. Isso foi o que a Igreja fez com a gente. Nossos cantos eram diabólicos, nossa língua era diabólica. Se pegasse falando com a língua ou apanhava ou... Houve casos de cortarem a língua de indígenas (sic) (TINGUI BOTÓ. grifos nossos).

O interlocutor execra a igreja cristã, especialmente a Igreja Católica, instituição que ele reconhece como promotora de genocídio contra povos indígenas. Além disso, segundo ele, a imposição de papéis sexuais de gênero não parte de sua cultura étnica. A partir do primeiro grifo realizado em sua fala, nota-se que ele busca explicar como ele compreende a identidade de gênero (o que seria sentimento interno de ser homem ou ser mulher), à medida em que aborda também a questão da orientação sexual (sentimento de atração).

Ao contrário do interlocutor acima, o indígena Xucuru-Kariri não demonstra sentir raiva, ou sentimento que o valha, pela Igreja Católica, reconhecendo-se, inclusive, como católico. Mas acrescenta o seguinte:

A gente foi catequizado e segue o cristianismo. Como costumamos dizer: aqueles que não vão à igreja, né, costumam dizer que são católicos, mas não praticantes. São aquelas pessoas que têm a segurança em um ser superior, porém, não busca seguir à risca o que se diz lá dentro dos fundamentos da religião. Então estamos nesse meio aí. Eu pelo menos estou nesse meio aí. (XUCURU-KARIRI).

Com relação à religiosidade nativa, o mesmo expõe que o Ouricuri é atualmente entendido como um religião, mas, na sua visão, nem sempre foi assim.

É algo que já tínhamos e que não era visto como religião, mas como algo de segurança, de fortalecimento cultural, fortalecimento espiritual. Mas como o termo religião foi, hoje em dia, estendido a vários segmentos de cultura, então a gente pode entender como religião também. [...] Os índios antigamente passavam a ir para a igreja, se batizavam, mas, no oculto, corriam para a mata (XUCURU-KARIRI).

O sincretismo religioso cultural fica explícito no entendimento acima, bem como a resistência de indígenas em preservar a sua fé espiritual nativa, mesmo se inserindo na religiosidade hegemônica.

No que diz respeito à religiosidade Ejuká, o indígena Jeripancó explica que ela vem de seu “povo, que cultua Deus presente na natureza por interseção dos encantados, os espíritos dos nossos ancestrais”. Foi perguntado se era filiado a outra religiosidade, e ele respondeu negativamente. Segundo ele, “Convivo com católicos, evangélicos, candomblecistas umbandistas, no sentido de conhecer, respeitar as diferenças, mas praticante só da minha mesmo” (JERIPANCÓ).

Dando continuidade, foi perguntado a todos: “Indígenas homossexuais (homens) podem participar de práticas religiosas nativas ou não indígenas destinadas aos homens?”, e foi solicitado que comentassem a respeito.

No sentido religioso, eu não tenho permissão para responder a essa pergunta, sabe? Eu pulo essa pergunta. Não é omitir. Talvez por não ter o entendimento. Por que como é que a gente vai entender algo que nunca aconteceu? Mas, se acontecer amanhã, como vai ser feito? Mas como se prega a religião, todos somos iguais perante a Deus. Até o momento, a cultura religiosa não tem essa resposta. Porque nunca aconteceu. E não tem como dizer se acontecer como vai ser feito (TINGUI BOTÓ).

Diante das interrogações e afirmações expostas acima, subentende-se que homossexuais não são uma preocupação no contexto religioso da comunidade, o que sugere uma certa invisibilização social. Além disso, como o próprio interlocutor colocou mais à frente: “A gente sofreu diversas intervenções religiosas. A cultura é dinâmica, né?” (TINGUI BOTÓ). Pode-se interpretar que a comunidade não está isenta da homofobia no aspecto religioso.

Antes da próxima pergunta pré-elaborada ser colocada, ele me perguntou: “Qual seria o termo apropriado para se referir a mulheres que gostam sexualmente de outras?” (TINGUI BOTÓ). Quando falei que é “lésbica”, ele falou que pensava que esse fosse “um termo pejorativo” (TINGUI BOTÓ). E emendou sua fala destacando o respeito que disse sentir por homossexuais, afirmando: “Se houvesse mais homossexuais no mundo, o mundo seria melhor, porque não se vê homossexuais abusado de crianças e matando mulheres” (TINGUI BOTÓ). Para essa sua última colocação, frisei que “Existem visões estereotipadas sobre os diversos grupos sociais”. Sobre a visão estereotipada a respeito de indígenas, ele pontuou:

São tidos como retrógrados, como não pensantes, preguiçosos... Se for no sentido de pensar que nós não alcançamos intelectualmente no sentido de impactar os rios com mercúrio, derrubar as montanhas para extrair minérios, sujar suas praias, seus corais, poluir seu ambiente... a gente não alcançou esse ápice intelectual.

A ironia acima destaca que as culturas indígenas vivem em harmonia com a natureza. Contudo, o indígena é mal visto por parcela da sociedade nacional que assimilou a visão trazida pelo colonizador, constituindo um estereótipo.

Voltando à pergunta pré-elaborada, dessa vez ao Xucuru Kariri, esse afirmou que, atualmente, em sua aldeia, indígenas homossexuais (homens) podem participar de práticas religiosas nativas ou não indígenas destinadas aos homens, e acrescentou o seguinte.

Também dentro das comunidades indígenas, assim como nas sociedades não indígenas, a visão do homossexual ela vem sendo mudada aos poucos, né, ela vem sendo entendida de uma forma melhor. Tem a questão do fazer com que as pessoas entendam nós como homossexuais indígenas. Também temos as nossas organizações, mas nem sempre foi tão fácil. Hoje em dia, sim. Hoje em dia participamos de todos os momentos destinados aos indígenas, até porque [...] nos nossos rituais são separados: a parte dos homens e a parte que é regida por mulheres. Então, existia, no início, pelo menos comigo, como sou o primeiro homossexual da Aldeia Mata da Cafurna, né, existia aquela dúvida, no início: ele é um homem que quer ser mulher, então, como a gente vai saber que parte ele vai estar realizando, se é a parte masculina, se é a parte feminina? Então veio aí o processo de desconstrução, ou até mesmo o de construir na cabeça dos outros o entendimento de que a questão, de preferência, não, mas a questão de sexualidade não tem a ver com a questão de gênero, tem a ver com o que você se identifica, com o que o seu natural corresponde a estímulos, né? (XUCURU KARIRI).

Ao que parece, a visão na comunidade era de que o homem perderia a sua condição de homem em razão de sua “opção” fora do padrão. Acredita-se que essa visão que trata orientação sexual como mera escolha parte da cultura hegemônica. Contudo, contraditoriamente, conforme o mesmo interlocutor, é dessa cultura que também surgem novos entendimentos a favor do respeito à orientação sexual, sobretudo aos indígenas moradores do Nordeste brasileiro.

De certa forma, aqui para o Nordeste, nesse aspecto do contato mais direto com a civilização, o não ser mais isolado, o estar inserido nas discussões dos brancos, no modo de vida mais perto do que o branco vivencia, né, pode ter facilitado a compreensão dessa questão do homossexual, porque em alguns lugares isolados, né, a homossexualidade é vista como uma doença, uma anomalia. E assim que é identificada a tendência homossexual no indígena ele é sacrificado ou é expulso da aldeia por ser considerada um pessoa fora do padrão. Hoje em dia não, aqui não pelo menos, né? (XUCURU-KARIRI)

Ao perguntado se ele lembrava de algum exemplo de etnia que castigava severamente homossexuais, em razão unicamente de sua orientação sexual, ele respondeu negativamente, acrescentando:

Fiquei por dentro dessa realidade, sobretudo do sul do Brasil e da Amazônia através de artigo ou reportagem, que não apresentava o nome das aldeias, talvez, por situação de preservação, por iniciativa de grupos de direitos humanos, por haver a consciência de parte da população brasileira que essas práticas de punição são erradas (XUCURU-KARIRI).

Voltando à questão principal, se indígenas homossexuais (homens) podem participar de práticas religiosas nativas ou não indígenas destinadas aos homens, o indígena Jeripancó respondeu o seguinte:

Podem. A crença indígena, afim de proteger a integridade da pessoa, proíbe qualquer impedimento de acesso por causa da sexualidade. Mas é no sentido de não discutir, não abrir questões referentes ao assunto. Se proíbe que a sexualidade seja exposta, seja hétero ou homo. Se recebe a pessoa, o indígena e não suas particularidades de escolha (JERIPANCÓ).

Foi perguntado se ele acreditava que homossexualidade era uma questão de “escolha”. A resposta: “Ninguém escolhe ser alvo, de recusa. Não é opção nem escolha, é da natureza humana. O problema está nos estereótipos que a sociedade cria para não dar espaço a essas diferenças, que deveriam ser naturais. Algo íntimo”. Quanto a essa fala, fez a seguinte ressalva:

Mas existe uma certa rejeição a certos comportamentos dentro do universo religioso. [...] Um gay afeminado, não vai assumir responsabilidades dentro da religião, mesmo que ele (a) se diga mulher. A comunidade religiosa o verá como homem” (JERIPANCÓ).

Diante de algumas incompreensões minhas sobre sua resposta, expus que é reconhecida, entre a sociedade nacional, a diferença entre gays (masculinos ou afeminados) e pessoas trans, constituindo-se numa questão a mais dentro da complexidade de gênero (homem, mulher...) e de orientação sexual (gay, heterossexual...). Assim, perguntei-lhe: se for apenas gay (afeminado), ele poderá assumir responsabilidades destinadas aos homens na religião?

Veja bem, como a comunidade não leva essa questão das ‘nomeações do gênero’ conforme o movimento concebe, de gay, lésbicas, trans ... sempre será visto como homem

e mulher, independente se ele se diga ela (e). Afeminado no ‘topo’, ele não vai ser poupado de assumir responsabilidade porque é sensível, do mesmo modo as mulheres masculinizadas, irão para o grupo das mulheres. **Acho que é uma forma de não dar espaços para a questão do homossexualismos em si**, mas como participante e ‘sacerdote’ da religião, não vejo o porquê tratar as pessoas com esse diferencial, desde que o respeito seja estendido a elas. Esse é o foco. Uma tradição para o indígena, não para gêneros (sic) (JERIPANCÓ) (grifo nosso).

O interlocutor justifica que a concepção de seu povo sobre homossexualidades é diferente da concepção do movimento [movimento LGBT^{33,34}]. Sobre a frase “Acho que é uma forma de não dar espaços para a questão do homossexualismos em si”, compreende-se que a comunidade nutre reservas a respeito das homossexualidades na aldeia. Destaca-se também o uso do termo “homossexualismo”, acreditando-se que seja usual em seu meio social étnico. Informa-se que esse termo é rechaçado pelo movimento LGBT e também pela Organização Mundial da Saúde - OMS, que considera o sufixo “ismo³⁵” uma referência à patologia.

Na tentativa de aprofundar a investigação, foi feita a seguinte pergunta a todos: “Qual a sua compreensão particular a respeito das homossexualidades e das homossexualidades masculinas?”. O indígena Tingui Botó respondeu o seguinte.

Vou trazer uma visão ideológica, minha: tudo o que aprendi com os velhos, com os livros e com o sagrado, que é o principal... O que me diferencia de você é a religiosidade. E a forma que eu conduzo a minha religião... Trazendo para a visão de mãe natureza, nós somos iguais, não existe isso de branco, índio, negro, homossexuais, somos todos iguais: Deus, Alá, Maomé... Aquilo que fazemos, não cabe ao mesmo humano julgar quem somos ou que fazemos. Se existe um julgamento

³³“O Movimento LGBT é um **movimento civil e social que busca defender a aceitação das pessoas LGBT na sociedade**. Apesar de não ser um movimento centralizado e organizado nos seus mais diversos núcleos ao redor do mundo, existem inúmeras organizações não-governamentais que atuam nesse sentido, oferecendo apoio e representação para essa parcela da sociedade” (**Movimento LGBT: o que é, história e muito mais!** Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/movimento-lgbt-o-que-e/>>. Acesso em: 11 jun. 2021.).

³⁴ LGBT é o acrônimo usado para se referir a pessoas lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e a outras pluralidades sexuais e de gênero.

³⁵ “[...] a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o homossexualismo (o sufixo "ismo" refere-se à doença na medicina) da 10ª edição da CID, sigla em inglês para Classificação Estatística Internacional de Doenças. Antes da mudança, a homossexualidade (o sufixo "dade" significa comportamento) estava no mesmo patamar de transtornos como a pedofilia”. **Há 30 anos, OMS tirou homossexualidade de catálogo de distúrbios**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/05/ha-30-anos-oms-tirou-homossexualidade-de-catalogo-de-disturbios-ckaayrgxi018b01pflb6kgxh8.html>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

final, se existe uma peneira, isso aí é uma questão espiritual que não temos competência para falar sobre tal. Na minha concepção, todos somos iguais. **Eu adoro os negros, eu adoro os gays, não tenho problema algum.** A cultura ocidental é que tentou impregnar essa questão machista do homem com homem, se expondo, da mulher com a mulher. Mas hoje em dia tenho a mente aberta de abraçar qualquer um. Todos são meus irmãos (TINGUI BOTÓ) (grifo nosso).

Conforme a fala acima, pode-se dizer que ele não trata as diferenças sexuais humanas como algo anormal, mas, acredita-se, como simples características, à medida em que ele compreende que todos deveriam ser iguais no tocante à liberdade individual. Na penúltima frase, interpreta-se que ele se desvencilhou de valores morais que, outrora, “fechavam a sua mente” à diversidade humana.

Ainda sobre a fala acima, destaca-se o seguinte trecho: “Eu adoro os negros, eu adoro os gays, não tenho problema algum”. Frisa-se que esse discurso está congruente a outros ditos anteriormente por ele mesmo. No entanto, essa sua fala lembra uma situação comum que ocorre entre a sociedade não indígena nacional: simpatiza, mas não aceita. Afinal, conforme Borrillo (2010, p. 22): “Uma situação bastante disseminada nas sociedades modernas que consiste em tolerar e, até mesmo, em simpatizar com os membros do grupo estigmatizado; no entanto, considera inaceitável qualquer política de igualdade a seu respeito”. A cidadania igualitária para homossexuais, entre a sociedade não indígena brasileira, não é cabível para muitos que dizem nutrir sentimentos de respeito a esse grupo social.

Voltando à compreensão particular a respeito das homossexualidades, especificamente as masculinas, o indígena Xucuru-Kariri disse acreditar que “a homossexualidade pode ser genética, pois essa condição não é vista apenas na espécie humana, mas também em muitas espécies de animais”. Ainda conforme seu entendimento.

Se fosse algo apenas casual, como era antigamente, as pessoas conseguiam esconder a homossexualidade, né, ficava com alguém ali eventualmente e ali morria o assunto, ninguém ia saber e aí ele voltava a viver a vida heteronormativa dele, mas na primeira oportunidade ia lá e fazia o que realmente tinha vontade de fazer. E assim como as pessoas começam de fato a querer construir a sua vida independentemente do que pensam e independentemente do que digam e a assumir [...] as pessoas começaram a se incomodar, disseram que estariam incentivando os outros que não tinham coragem a fazer e aí a coisa foi começando a desandar, do ponto de vista heteronormativo, né, mas que para a gente foi que a coisa foi começando a melhorar porque a gente foi começando a ver a possibilidade e a oportunidade de um

dia ser feliz da maneira que a gente se sente bem (XUCURU-KARIRI).

Diante da citação a uma suposta casualidade da prática das homossexualidades no passado, mencionei que valores culturais dominantes foram impostos, de forma que não apenas territórios indígenas foram colonizados, mas também corpos e desejos³⁶, como cita Fernandes (2019). Assim, todo um passado onde as homossexualidades eram, possivelmente, vivenciadas de forma plena, igualitária e pública, ficou silenciado.

Assim, mencionei também que o antropólogo Estêvão Roberto Fernandes, um dos principais autores que fundamentam o presente trabalho, é autor do livro **“Existe Índio Gay?”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil**, e mencionei que a resposta positiva para a pergunta que se destaca no título do livro, estrategicamente pensada pelo autor, pode gerar certo espanto. Para esse comentário, ele disse compreender a citada pergunta da seguinte maneira.

Como os índios sempre foram vistos como seres selvagens, como seres desinformados, né, então eram vistos como animais, como bicho bruto. Então, quando as pessoas perguntam: “Existe índio gay?”, [pensa-se] Existe cachorro gay? Existe macaco gay? Tá entendendo? Então, eu acho que quando as pessoas fazem essa pergunta, [...] a forma como as pessoas colocam a pergunta, você vê não só o preconceito com a homossexualidade, mas você ainda vê o preconceito com o indígena (XUCURU-KARIRI).

Conforme o exposto, ele defende que ainda hoje os indígenas são, em alguma medida, equiparados a animais selvagens, bem como que a homossexualidade, no senso comum, ainda conforme ele acredita, não é pensada como comportamento ou condição existente entre animais irracionais.

No que diz respeito à compreensão particular sobre as homossexualidades, especificamente masculinas, o indígena Jeripancó expõe: “Não vejo como distúrbio, imoralidade, ou coisa do tipo. Independente da homossexualidade masculina ou feminina, o masculino tem em si um enfrentamento que está dentro do próprio gênero”. E acrescenta:

‘Homens’ tendem a rejeitar essa questão de maneira mais dissimulada, e até violenta. O homossexualismo masculino, ao ser assumido pelo ‘homem’ está também criando um círculo de autoafirmação para a própria

³⁶ Em meio à colonização das sexualidades indígenas, os jesuítas aplicaram aos indígenas a “Mortificação do corpo, supressão dos sentidos, repressão dos desejos, controle (FERNANDES, 2019, p. 30).

peessoa, e tem esse problema do enfrentamento dentro do gênero masculino. Infelizmente o Gay, masculino é alvo mais exposto a estas questões. Não que não exista entre Gays, mulheres mas de uma forma bem amena. Não saberia te dizer se tenho uma concepção sobre, mesmo tendo algumas vivencias com pessoas gays, só percebo como muito naturalizada se a pessoas for politizada em relação à proteção da sua sexualidade (não no sentido de se esconder) ter sua sexualidade dentro de um conceito que não a esconda do meio social, mas que não abra margem para negação e enfrentamentos. Ser gay, não é ser diferente, creio que seria ser diferente com uma particularidade polarizada pela sociedade, ser potencialmente capaz de viver, enfrentar esses paradigmas sociais, visto que o problema é social, e não da pessoa que tem um autoconceito sexual ditamente seu (sic) (JERIPANCÓ)

Diante dessas falas, foi-lhes perguntado se existe algum indígena masculino homossexual em suas aldeias, e foi solicitado que comentassem a respeito. Abaixo, a resposta do indígena de Feira Grande.

Até o momento, não temos conhecimento. Temos vários jovens, né, pode ser que tenha. Eu, particularmente, me preparo para isso. Não é de hoje que venho me preparando. Pode ser um sobrinho meu. Pode ser um primo. Pra que eu tenha uma contribuição social dentro da minha comunidade e fazer a família entender seria o caso, né? Até o momento, não sabemos, mas temos que ter humanidade, né? (TINGUI BOTÓ).

Diante do que o respondente acima disse, que se prepara para a possibilidade de haver homossexual em sua família, foi-lhe perguntado o seguinte: “Existem entre indígenas da sua comunidade piadas, alguns termos pejorativos, utilizados contra homossexuais, que fundamentam a sua preparação? A resposta: “Com certeza! Com certeza, sim! Como falei, a gente sofre a influência. A gente não está isolado numa mata, a gente sofre a influência da cultura deles, assim como eles também sofrem as nossas influências” (TINGUI BOTÓ). Compreende-se, então, que o indígena acima não busca se preparar porque vislumbre a homossexualidade como algo aberrativo, ou coisa do tipo, mas porque ele tem a ciência de que algum possível homossexual de sua comunidade pode ser vítima de alguma hostilidade entre o grupo.

Voltando à pergunta “Existe algum indígena masculino homossexual em sua aldeia?”, o interlocutor Xucuru-Kariri disse: “Fora eu, assumidamente, não”. Quanto ao “assumidamente”, comentei que a palavra é “Pesada”. Quanto a isso, ele respondeu:

Para nós, homossexuais, de alguma maneira, ela é pesada. Porém, ela também traz um ponto de resistência na minha visão. Quando você se assume, quando você se afirma, quando consegue se reafirmar em alguma coisa, você começa a adotar um processo de luta... e aí na comunidade em que eu vivo existem ainda homossexuais que ... a gente costuma ainda brincar entre amigos e dizer que todo homossexual tem um radar que é infalível. E isso é realidade. Às vezes, em poucas vezes, dá uma confundida, mas raramente falha. E aí existem aqueles que ainda me procuram e conversam: ‘Ah, mas você sofre isso!’, ‘Ah, então é isso que acontece, então é ruim’... Aquele tipo de coisa que você percebe na pessoa, né, e até o comportamento e tudo, você percebe que ela tem a tendência homossexual, mas ainda não tem a coragem de se afirmar, não tem a coragem de enfrentar os preconceitos eventuais que possam existir, né, que vão existir na verdade (XUCURU-KARIRI).

Quanto à pessoa se assumir homossexual, em meio a uma sociedade baseada em práticas, costumes e situações de intolerância a homossexuais, ele acrescentou:

Quando a pessoa não aguenta mais viver a repreensão, não aguenta mais viver a banalização, né, e aí é o momento onde ela diz: ‘Não! Eu sou gay, realmente’. E na esperança de que as pessoas se conformem que elas venceram: a sociedade venceu em ridicularizar, a sociedade venceu em fazer de chacota. E daí isso é forma de dizer: ‘Eu não vou mais ligar que você vai rir de mim, mas eu vou viver a minha vida da forma que eu quero’ (XUCURU-KARIRI).

Conforme a fala acima, o respondente entende que o ato de se assumir para a comunidade indígena enquanto pessoa homossexual se traduz num ato emancipatório. Subentende-se que esse “assumir-se” também pode ser visto como ato político.

No que diz respeito à existência de indígena masculino homossexual em sua aldeia, o interlocutor Jeripancó disse: “Tem e não é pouco kkkk”. Não foi solicitada explicação para essa gargalhada.

Antes da próxima pergunta pré-elaborada ser lançada, ele me perguntou “Mas porq, ir para o universo indígena?” (sic). Quando lhe respondi que o interesse nasceu porque, anos atrás, ouvi de um indígena que “Isso é coisa de homem branco”, ele respondeu:

Justamente porque, essa concepção de se externar a sexualidade se dá em contextos diferentes. O branco vai pro enfrentamento, pela conquista de espaços sociais e se concebem como violentados no seu meio. Não que não haja rejeição no meio indígena, existe e não é pouco, porém a sistematização, o enfrentamento dessa concepção, é bem diferente. Pode ser nesse contexto, que ‘baitolagem’ é coisa de vcs, kkk assim como os

espanhóis do século XIII diziam que era doença francesa.
Kkk (JERIPANCÓ)

Nota-se que ele admite que sua comunidade não está isenta de rejeitar homossexuais. Diante do expressado, perguntei se existiria entre eles da comunidade um “duplo preconceito³⁷”, ou seja, se havia a consideração de que a condição de ser homossexual colocaria o sujeito como menos indígena que os demais. Sua resposta: “Ser menos indígena por ser gay, não é o caso. Temos um povo indígena aqui no sertão que a cacica é lésbica, muito respeitada. Existe variação de povo a povo, eu acho”. Ele não teceu comentário sobre seu povo.

Voltando à sua resposta anterior, perguntei se “baitolagem³⁸” é um termo muito usado na sua aldeia. Sua resposta: “estamos no Nordeste. Kkk” (JERIPANCÓ). Interpreta-se que a expressão ofensiva foi dita de forma naturalizada. Considera-se que, por não viverem isolados, sofrem a influência da intolerância homofóbica típica da sociedade nacional, inclusive marcante na Região Nordeste.

CONCLUSÃO

³⁷ 'Sofremos duplo preconceito', diz ativista indígena LGBTI+. Disponível em: <<https://www.seculodiario.com.br/direitos/sofremos-duplo-preconceito-diz-ativista-indigena-lgbti>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

³⁸ Ato de “baitola”, cujo qual é um “Termo ofensivo para homossexual masculino” (Sinônimo de baitola. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/baitola/>. Acesso em: 29 mai. 2021.).

Essa pesquisa possibilitou compreender como o preconceito e a discriminação contra as homossexualidades foram naturalizados no território brasileiro, a partir da chegada do colonizador português, permitindo também reflexão acerca de como o gênero masculino é compreendido como dominante, e como algumas culturas indígenas associam homem à força e como essas tratam a homossexualidade, especialmente a masculina. As falas dos interlocutores indígenas de Alagoas permitiram concluir que, em suas respectivas aldeias, o preconceito e a discriminação se fazem presentes, embora esses tenham se manifestado a favor do respeito às homossexualidades.

Constatou-se que, no Brasil pré-colonial, as homossexualidades eram vivenciadas de forma naturalizada entre vários povos originários, a exemplo dos Tupinambá e dos Tupinaé. Contudo, tanto pela catequização (Igreja Católica), quanto pela criminalização das relações entre pessoas do mesmo sexo, o colonizador tornou compulsória a heterossexualidade entre povos indígenas que tinham a vivência pública e sem tabu das homossexualidades como um elemento cultural. Para essa imposição da heterossexualidade, a criação dos aldeamentos foi imprescindível, pois esses espaços foram criados com intuito de controlar as populações indígenas consideradas amigáveis.

Pôde-se refletir sobre a associação entre homem e heterossexualidade e entre homem e ausência de feminilidade, associações essas que partem da ideia de que o gênero masculino expressa domínio, independência, força e outras qualidades correlacionadas. A vinculação entre homem e características que representam força e domínio foi encontrada em etnias indígenas pesquisadas. Sob esse contexto, constatou-se que, entre os grupos Pataxó, Kaiowa, Mehináku, Cadiuéus, Aikewara e Nhambiquara, há, atualmente, compreensões a respeito da homossexualidade que motivam tratamentos preconceituosos ou discriminatórios, na maioria dos casos especialmente contra indígenas homossexuais masculinos.

No caso da etnia Nhambiquara, o interlocutor afirmou que a homossexualidade se constitui uma condição da natureza do ser humano. Essa sua compreensão, que naturaliza a homossexualidade, é favorável a homossexuais da sua aldeia, que foi invadida pelo preconceito e discriminação aos moldes da cultura nacional, como é perceptível em falas do interlocutor, distanciando-se da forma como a homossexualidade era vivenciada publicamente na aldeia, conforme registrado por Lévi-Strauss, em seu livro *Tristes Trópicos*.

No caso dos dois sobreviventes Piripikura, notam-se expressões de gênero, que, para outras culturas indígenas, ao menos atualmente, ou para a cultura dominante, são vinculadas ao que se entende por homossexualidade. Não foi encontrada, na literatura investigada,

qualquer menção à suposta homossexualidade deles dois. Talvez eles dois não considerem a prática sexual entre iguais como algo pecaminoso ou coisa que o valha. Contudo, frisa-se que manifestações de afeto entre iguais e trejeitos considerados do gênero oposto não determinam a orientação sexual de ninguém.

Quanto às falas dos indígenas das etnias de Alagoas, pode-se afirmar que, em suas aldeias, existem o preconceito e a discriminação contra homossexuais, especialmente contra os do sexo masculino - observa-se que esses povos estão integrados à sociedade nacional, fortemente homofóbica. Contudo, os entrevistados naturalizaram a homossexualidade, embora também houve falas que sugerem contradição.

Frisa-se que essa investigação priorizou as compreensões particulares dos sujeitos investigados. Assim, seria necessário um universo de interlocutores muito maior para que as compreensões aqui apresentadas indicassem com maior profundidade o que pensam as referidas comunidades étnicas a respeito da temática discutida. Dada a importância da temática, acredita-se que essa investigação contribui para desencadear a visibilização das homossexualidades indígenas, instrumentalizando o debate e o respeito, pois o presente trabalho contribui para a reflexão a respeito de compreensões de indígenas masculinos de Alagoas acerca das "homossexualidades indígenas masculinas".

No que diz respeito à hipótese de que "Indígenas em Alagoas veem a homossexualidade como perda cultural", todos os investigados afirmaram que reconhecem a homossexualidade como algo intrínseco ao ser humano. Entretanto, no geral, também houve falas que sugerem não haver aceitação de homossexuais nas aldeias, bem como o fato de que, culturalmente, a homossexualidade não ser discutida na comunidade. Além disso, houve uso de termos pejorativos direcionados a homossexuais masculinos.

No que diz respeito à hipótese de que "Indígenas em Alagoas veem a homossexualidade masculina como transgressão do gênero", nenhum entrevistado a confirmou. Contudo, houve quem afirmou que homossexuais do sexo masculino são alvos que tendem a passar por violências mais expostas em virtude do seu gênero.

Assim, o problema "De que maneira a compreensão ocidentalizada sobre as homossexualidades contribui para o entendimento de sujeitos indígenas sobre as homossexualidades indígenas masculinas em Alagoas?" pode ser compreendido a partir do fato de que muitos indígenas, atualmente, estão integrados à sociedade nacional, inclusive estudando e trabalhando fora da aldeia. Portanto, a cultura ocidentalizada falocêntrica, no sentido de que características consideradas masculinas são, geralmente, tratadas como referenciais e superiores, também é assimilada pelos indígenas. Nesse sentido, subentende-se

que a homossexualidade, na aldeia, passa a ser considerada um atributo que desqualifica o gênero pretensamente superior, uma vez que homossexualidade é muito associada à ausência de masculinidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Índios mestiços e selvagens civilizados de Debret reflexões sobre relações interétnicas e mestiçagens**. Varia hist. vol.25 no.41 Belo Horizonte Jan./June 2009.

Alagoas. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. **Estudo sobre as Comunidades Indígenas de Alagoas/Alagoas**. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. – Maceió: SEPLAG, 2017. 27p.

BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira; MEDEIROS, Robson Antão de. **Dos povos nativos ao surgimento dos movimentos sociais: influências dos discursos jurídicos, religiosos e médicos para a construção do conceito de homossexualidade no Brasil**. In: Revista de Direito Internacional, Brasília, v. 15, n. 3, 2018, p.266-289.

BERPATELI, Vladimir. **A MISCIGENAÇÃO COMO NEGAÇÃO DO OUTRO: OS “ÍNDIOS ALDEADOS” E O FIM DOS ALDEAMENTOS PAULISTAS**. In: História e Cultura, Franca, v. 6, n. 1, p. 262-288, mar. 2017.

BÍBLIA. **Gênesis 1: 28**. Português. Bíblia Sagrada. Tradução dos originais gregos, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges. São Paulo: Ave Maria. Edição claretiana, 2011.
 _____. **Levítico 18:22**. Português. Bíblia Sagrada. Tradução dos originais gregos, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges. São Paulo: Ave Maria. Edição claretiana, 2011.

BONIFACE, Pascal; VÉDRINE, Hubert. **Atlas do mundo global**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

BORRILLO, Daniel. **HOMOFOBIA: História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CALHEIROS, Orlando. **Aikewara: Esboços de uma sociocosmologia tupi-guarani**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 2014.

CARIAGA, DIÓGENES. **Gênero e sexualidades indígenas: alguns aspectos das transformações nas relações a partir dos Kaiowa no Mato Grosso do Sul**. In: cadernos de campo, São Paulo, n. 24, p. 441-464, 2015.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica vaticana. [Online].
 CECCARELLI, Paulo Roberto. **A invenção da homossexualidade**. In: Bagoas, n. 02, 2008, p. 71-93.

FREIRE, Adriana Cirqueira. **Etnias indígenas alagoanas**. [Ebook]. Maceió/AL: Editora, 2020.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Ser índio e ser gay: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil**. In Revista *Etnográfica* [Online], vol. 21, 2017.

Disponível em: <<https://cimi.org.br/2018/06/ser-indio-e-ser-gay-tecendo-uma-tese-sobre-homossexualidade-indigena-no-brasil/>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

_____. **O QUE A HOMOSSEXUALIDADE INDÍGENA PODE ENSINAR SOBRE COLONIALISMO – E COMO RESISTIR A ELE.** In: Somanlu, ano 17, n. 1, jan./jun. 2017.

_____. **“Existe índio gay?”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil.** 2. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. 206p.

_____. **Ser índio e ser gay: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil.** In: etnográfica. Outubro de 2017. pp. 639-647.

_____. **Decolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos.** Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais. Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre as Américas. Programa de pós-graduação em estudos comparados sobre as Américas. Brasília, 2015.

GREEN, Eli R.; MAURER, Luca. **Redefinindo o gênero.** In: NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL: A Revolução do Gênero: Novas identidades e comportamentos mudam a cara do século 21. Edição Especial, número 202, 114p, janeiro, 2017.

Identidade, sexo e expressão. In: NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL: A Revolução do Gênero: Novas identidades e comportamentos mudam a cara do século 21. Edição Especial, número 202, 114p, janeiro, 2017.

Kadiwéu. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiw%C3%A9u>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

LÉVI-STRAUSS, C. **HOMENS, MULHERES, CHEFES.** In: Tristes Trópicos. Tradução de Wilson Martins. Editora ANHEMBI Limitada. São Paulo, 1957. pp. 324-337.

LIMA, Lucas Gama; OLIVEIRA, Amanda da Silva de; MIRANDA, Anderson Ribeiro. **INDÍGENAS, TERRA E TERRITÓRIO EM ALAGOAS: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DA ATUALIDADE DA RESISTÊNCIA.** In: Revista de Geografia (Recife). V. 36, N° 1, 2019. Disponível em: <0 v>. Acesso em: 13 fev. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade.** In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/867_1567_louroguaciralLopes corpoeducado.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2021.

MEHINAKO, Mayawari. **Empréstimos linguísticos na Língua Mehinaku.** (Trabalho de Conclusão de Curso Graduação). Barra do Bugres, 2016.

MOTT, Luiz. **Por que os homossexuais eram perseguidos?** In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Ministério da Educação. FNDE (2011, p. 22).

_____. **Etno-História da Homossexualidade na América Latina** [online]. Apresentado no Seminário-Taller de História de las Mentalidades y los Imaginarios, 1994, Bogotá: Pontificia Universidad Javerina de Bogotá, Departamento de História e Geografia, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/viewFile/12016/7631>>. Acesso em: 27 mai. 2021.

Movimento LGBT: o que é, história e muito mais! Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/movimento-lgbt-o-que-e/>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MURA, Fabio. A trajetória dos chiru na construção da tradição de conhecimento kaiowa. In: MANA 16 (1): 2010, pp. 123-150.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa.** Psicologia & Sociedade; n.18, v.1, p.49-55; jan/abr. 2006.

PARKER, Richard Guy. **Abaixo do equador.** Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2020.

Pesquisa mostra que escolaridade influencia preconceito contra homossexuais. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/pesquisa-mostra-que-escolaridade-influencia-preconceito-contra-homossexuais/>>. Acesso em: 22 mai. 2021.

PEREIRA, Levi Marques. **A criança kaiowa, o fogo doméstico e o mundo dos parentes: espaços de sociabilidade infantil.** [s.d].

PIRIPIKURA. Direção: Mariana Oliva, Renata Terra e Bruno Jorge. Produção: Mariana Oliva. Coordenação de produção: Rodolfo Frederico Paes Junior. Roteiro: Renata Terra e Mariana Oliva. Rio de Janeiro: Zeza Filmes LTDA, 2017. (82 min), son, leg., color.

PRETES, Érika Aparecida; Vianna, Túlio. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo.** In: Iniciação Científica: Destaques 2007.

PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas.** 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

RAMOS, Felipe de Azevedo. In: Lumen Veritatis - vol. 10 (4) - n. 41 - Outubro a Dezembro - 2017. p. 494-499. **Resenha de SACHERI, Carlos Alberto. A ordem natural.** Trad. Renato Romano. Belo Horizonte: Cristo Rei, 2014, 270 p.

Recorte Café Filosófico O Ódio no Brasil - Leandro Karnal [2015]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d94cGNWacxE>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SALGUEIRO, José Estevam. **Homossexualidade masculina: comportamento, orientação e identidade.** In: Revista Psicologia: Teoria e Prática, 18(1), 60-74. São Paulo, SP, jan. abr. 2016.

Sinônimo de baitola. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/baitola/>. Acesso em: 29 mai. 2021.

SILVA, Jaime de Sousa. **“CUDINAS”: HOMOSSEXUALIDADES ENTRE BRAVA GENTE BRASILEIRA?** In: I Encontro Estadual da ANPUH-AP. I Jornada Internacional de Estudos de História da Amazônia “Diásporas, migrações e territorialidades na Pan-Amazônia”. Macapá-AP, 2014.

SILVA, Laionel Vieira da; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. **Entre cristianismo, laicidade e Estado: as construções do conceito de homossexualidade no Brasil.** In: Mandrágora, v.21. n. 2, 2015, p. 67-88.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. **Notas sobre a Homossexualidade num “Regime de Índio”.** In: ACENO, Vol. 3, N. 5, p. 59-72. Jan. a Jul. de 2016.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 150.
Tingui-Botó. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tingui_Bot%C3%B3>. Acesso em: 13 fev. 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil. Da colônia à atualidade.** 4. ed, ver., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VAINFAS, Ronaldo. **Moralidades Brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista.** In: MELLO E SOUZA, Laura de (org.). História da Vida Privada no Brasil - Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 262.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil.** 3ª impressão: Editora Nova Fronteira, 1989.

APÊNDICES

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa **Entendimentos sobre homossexualidade indígena masculina em Alagoas**, do pesquisador Gabriel de Souza. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a discutir entendimentos de sujeitos indígenas de etnias alagoanas sobre a homossexualidade indígena masculina.
2. A importância deste estudo é a de contribuir para a reflexão a respeito de entendimentos sobre a homossexualidade masculina indígena a partir de sujeitos indígenas.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes:
 - Discutir sobre a diversidade sexual indígena no Brasil pré-colonial;
 - Refletir sobre a imposição da heterossexualidade aos indígenas no Brasil colonial;
 - Analisar entendimentos sobre a homossexualidade indígena masculina;
 - Discutir entendimentos de sujeitos indígenas de Alagoas sobre a homossexualidade indígena masculina.
4. A coleta de dados começará em 23 de abril de 2021 e terminará em maio de 2021.
5. O estudo será feito da seguinte maneira: remotamente, através de entrevistas e/ou questionários.
6. A sua participação será nas seguintes etapas: entrevista.
7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: provável desconforto com o tema.
8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: contribuir para a reflexão a respeito do tema discutido.
9. Você poderá contar com a seguinte assistência: ter seus questionamentos a respeito da pesquisa sempre respondidos, sendo responsável por ela: Gabriel de Souza.
10. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.
13. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

2/2

14. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

15. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas – UFAL - Campus A. C. Simões.
 Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió – AL.
 Complemento: Cidade Universitária
 Cidade/CEP: Maceió/57072-970
 Telefone:
 Ponto de referência: Hospital Universitário Prof. Alberto Antunes - HUPAA-UFAL.

Contato de urgência: Sr (a). Silóé Soares de Amorim.

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió – AL.
 Complemento: Cidade Universitária
 Cidade/CEP: Maceió/57072-970
 Telefone:
 Ponto de referência: Hospital Universitário Prof. Alberto Antunes - HUPAA-UFAL.

ATENÇÃO: *O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:*

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
 Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.
 E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, de de 2021.

Assinatura ou impressão datiloscópica d (o, a) voluntári (o, a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)